



# OEIRAS EM REVISTA

CÂMARA MUNICIPAL OEIRAS | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | IMPRESSÃO 0,53€ | Nº 93 | OUT 07

- **OEIRAS**

*SATU - o futuro dos transportes começa aqui*

- **GONÇALO M. TAVARES**

*Entrevista com Carlos Vaz Marques*





| ENTRE NÓS |



| DESTAQUE |



| A DOIS |



| OEIRAS COM ARTE |



| PROJECTOS DA AUTARQUIA |

- 03 INEVITÁVEL**
- 05 ENTRE NÓS**  
SATU-Oeiras E.M.  
*Inovação e vanguarda ao serviço do cidadão*
- 15 DESTAQUE**  
*Centro Histórico de Oeiras com novo fôlego*
- 19 VIVÊNCIAS**  
*Yolanda Noivo: Um reflexo d'alma*
- 25 LAÇOS**  
*Ampliar horizontes através da arte*
- 29 PARCERIAS**  
*Rafael Fernandez*  
*Director-geral da Amgen Portugal*
- 33 A DOIS**  
*Gonçalo M. Tavares: O bicho humano é muito semelhante em todo o lado*
- 40 OEIRAS COM ARTE**  
*História dos estranhos "telexes" do meu trisavô*
- 47 PROJECTOS DA AUTARQUIA**  
*Habitar Oeiras: Plano Estratégico*
- 53 CAUSA PÚBLICA**  
*Guilherme Arroz: Director-adjunto para o pólo do IST no Taguspark*
- 59 ALÉM OEIRAS**  
*Dói-nos o Espaço*
- 60 OEIRAS IMAGINÁRIA**  
*A geminações para além de uma simples assinatura*
- 67 INOVAÇÃO**  
*Chipidea Microelectrónica S.A. (ainda) Melhor (também) é possível*
- 73 INESQUECÍVEL**
- 75 A ARTE DO SABOR**  
*A arte de bem comer*
- 78 BIOGRAFICAMENTE**  
*João de Freitas Branco*

## | FICHA TÉCNICA |

## DIRECTOR

Isaltino Morais

## PRODUÇÃO

Elisabete Brigadeiro

## EDITORA

Carla Rocha / crocha@cm-oeiras.pt

## TEXTOS

Ana Henriques  
Carla Rocha  
Carlos Vaz Marques  
Guiomar Belo Marques  
Luís Maria Baptista  
Raquel Viana  
Sónia Correia

## FOTOGRAFIAS

Carlos Santos  
Carmo Montana  
José Chambel Cardoso  
José Manuel Antunes  
Luís Maria Baptista  
Albérico Alves

## IDEIA GRÁFICA

Atelier Formas do Possível  
www.formasdopossivel.com

## PAGINAÇÃO

Atelier Formas do Possível  
www.formasdopossivel.com

## PROPRIEDADE

Município de Oeiras

## IMPRESSÃO

Sogapal

## TIRAGEM

20.000 exemplares

## DEPÓSITO LEGAL

86817/95

## ISSN

1646-5970

## EXECUÇÃO

Gabinete de Comunicação

<http://www.cm-oeiras.pt/>

*Pretendemos, com este conjunto integrado de iniciativas, dinamizar a Vila nas suas diferentes vertentes, tornando-a num espaço vivo e atractivo. Para as pessoas de cá, mas também para as de fora, queremos que o património seja ele próprio indutor do desenvolvimento económico.*

Caro Município,

Nesta edição da Oeiras em Revista, quisemos trazer-lhe duas facetas daquilo que o Concelho está a fazer em relação ao seu futuro.

No interior, vai encontrar uma interessante reportagem sobre a **reabilitação** que está a ser levada a cabo no **centro histórico da Vila de Oeiras**. Em concreto, a **requalificação** do Largo Marquês de Pombal, a recuperação do Palácio do Egipto, a **dinamização do comércio** local e a disponibilização de habitação para jovens, no âmbito do Programa Estratégico Habitar Oeiras. Pretendemos, com este conjunto integrado de iniciativas, **dinamizar a Vila** nas suas diferentes vertentes, tornando-a num espaço vivo e atractivo. Para as pessoas de cá, mas também para as de fora, queremos que o património seja ele próprio indutor do desenvolvimento económico. Ou seja, temos de começar por dar valor ao que temos de melhor.

Ao mesmo tempo, damos destaque ao **Sistema Automático de Transporte Urbano** – SATU, com uma reportagem sobre o modo de funcionamento e a gestão deste. Esta é a outra face do nosso paradigma de desenvolvimento: o **desafio ao futuro**. A pensar na **futura mobilidade** do Concelho, somos os primeiros a avançar com **soluções de transporte público alternativas** ao tradicional transporte individual, em moldes absolutamente **inovadores**. O que outros ainda vão pensar e discutir, nós já estamos a fazer. O SATU é **rápido, confortável** e **"inteligente"**. E, por isso, acredito que num tempo próximo não será uma opção, mas sim a opção.

Estes são dois pontos de partida. Mas há muito mais para o emocionar e interessar nesta edição. Desejo-lhe, então, uma boa Oeiras Em Revista.

O Presidente da Câmara

Isaltino Morais

**CENTRO DE ARTE MANUEL DE BRITO**  
PALÁCIO ANJOS | ALGÉS

**OS ANOS 60**

**EDUARDO LUIZ**  
EXPOSIÇÃO ANTOLÓGICA

**28 SET A**  
**13 JAN**

TERÇA A  
DOMINGO  
11H30 | 18H

ÚLTIMA SEXTA  
DE CADA MÊS  
11H30 | 24H

| INEVITÁVEL |

### EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE BRANISLAV MIHAJLOVIC HISTÓRIAS BIBLÍCAS

Galeria Municipal Palácio Ribamar, 9 de Novembro a 9 de Dezembro 2007

Nascido em Belgrado, Sérvia, no ano de 1961, Branislav Mihajlovic começou a desenhar e a pintar muito cedo e com cerca de quinze anos já tinha participado em exposições nacionais e internacionais. Finalizou os estudos de pintura em 1986 e o mestrado de pintura em 1989 na Escola Superior de Belas Artes, Universidade de Belgrado.

Após concluir os estudos empreendeu várias viagens. Realizou já mais de sessenta exposições individuais. Foi premiado em São Paulo, Nova Deli e Belgrado. Actualmente vive em Portugal.

O seu trabalho figurativo reclama uma participação constante do espectador ao recuperar questões inerentes à condição humana, através de temáticas introspectivas ou místicas. Dedicada aos livros, a presente exposição reconta os mitos e lendas da Bíblia. O discurso dos quadros é sobre o Bem e o Mal oriundo das palavras, oriundo da nossa história e das histórias ancestrais.

#### INFORMAÇÕES

Inaugura dia 8 de Novembro pelas 18 horas

Patente ao público de 9 de Novembro a 9 de Dezembro 2007 | De terça a domingo das 13h às 18h

Galeria Municipal Palácio Ribamar | Palácio Ribamar, Alameda Hermano Patrone, Algés

Contactos: CMO - Tel 21 4111404



### CROSS INTERNACIONAL DE OEIRAS

Pista de Cross do Complexo Desportivo do Jamor, 18 de Novembro

No próximo dia 18 de Novembro, o Maratona Clube de Portugal irá organizar, na Pista de Cross do Complexo Desportivo do Jamor, a edição de 2007 do "Cross Internacional de Oeiras", prova de corta-mato integrada no Calendário Internacional da Federação Internacional de Atletismo (I.A.A.F.).

Este trará ao Concelho de Oeiras alguns dos melhores atletas nacionais e internacionais da especialidade, crescendo, como motivo de interesse, o facto de este se constituir como o evento de selecção da representação nacional a participar no Campeonato da Europa da especialidade.

#### INFORMAÇÕES

Maratona Clube de Portugal | Tel. 214 413 182 | E-mail. geral@maratonaportugal.com



# SATU-OEIRAS E.M.

## Inovação e vanguarda ao serviço do cidadão

*A SATU-Oeiras, E.M. é uma empresa municipal com capitais maioritariamente públicos cujo objectivo principal é gerir e explorar o Sistema Automático de Transporte Urbano - SATU. A empresa assumiu, perante o Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres (IMTT), a responsabilidade pela exploração deste meio de transporte, não delegando a terceiros essa responsabilidade. Colocar-se na vanguarda da exploração moderna de transportes públicos colectivos, fomentando o direito à mobilidade e ao bem-estar do cidadão, é o principal objectivo da SATU-Oeiras, E.M..*

texto de Sónia Correia

fotos de José Chambel Cardoso, José Manuel Antunes e Carlos Santos

### CARACTERIZAÇÃO

O SATU apresenta-se como um meio de transporte público totalmente inovador, único no nosso país.

Caracterizado, de forma simples, como uma espécie de elevador na horizontal – pelo recurso ao mesmo sistema de roldanas – o SATU movimenta-se sobre um viaduto elevado, sem condutor.

Totalmente automático e movido a energia eléctrica, por tracção de cabos, o SATU é um meio de transporte não poluente e ecológico, sendo os níveis de ruído emitidos mínimos.

O SATU tem capacidade para 106 pessoas, oito das quais sentadas. Nesta primeira fase, o sistema assegura a ligação entre a Estação dos Navegantes, em Paço de Arcos, e o Parque dos Poetas/Centro Comercial Oeiras Parque – Estação do Fórum – com a Estação da Tapada, na Tapada do Mocho, como estação intermédia, numa extensão total de 1200 metros. O percurso é feito em cerca de quatro

minutos, entre as 8.00 h. e as 00.30 h. As viagens são realizadas a uma velocidade máxima de 40 quilómetros/hora, por 1 euro (ida) ou 1,50 euros (ida e volta). Os utentes poderão ainda optar por bilhetes de dez (cinco euros) ou 20 viagens (nove euros). Numa segunda fase, está previsto que o sistema possibilite a ligação até ao Lagoas Park e, mais tarde, até ao Taguspark e ao Cacém, permitindo a ligação das linhas ferroviárias Lisboa/Cascais e Lisboa/Sintra, há anos perspectivada.

### O SATU FACE A OUTROS MEIOS DE TRANSPORTE

Rápido, confortável, com uma frequência de passagem de quatro em quatro minutos na maior parte do seu horário e permitindo a total acessibilidade a passageiros com mobilidade reduzida e invisuais. Estes são os principais trunfos do SATU face a outros meios de transporte que realizam o mesmo percurso, nomeadamente o autocarro.





#### CONFORTO

No que respeita ao conforto, os responsáveis pela SATU-Oeiras consideram que não é possível sequer estabelecer comparação com qualquer outro meio de transporte. O tempo de espera pelo veículo – além de ser extremamente reduzido – decorre “num ambiente agradável”, onde os utentes são poupados, por exemplo, à exposição a condições climáticas extremas. Mesmo funcionando no denominado modo ‘à chamada’ – o que sucede por motivos relacionados com a gestão e poupança de energia, contribuindo assim para a sustentabilidade ambiental – o máximo de tempo de espera a que os utentes estão sujeitos são quatro minutos. Assinale-se que, à semelhança dos elevadores, o SATU funciona no modo ‘à chamada’, ou seja, fica parado nas estações extremas e inicia a marcha quando um passageiro carrega no botão localizado junto às portas das estações ou no interior dos veículos. Faz a viagem até a estação da outra extremidade e regressa à estação de onde partiu, completando o ciclo.



#### NÚMERO DE PASSAGEIROS

De acordo com os responsáveis pela SATU-Oeiras, “se já fosse possível ver o veículo a circular cheio, isso seria sinal de que tínhamos feito um mau projecto”. A afirmação baseia-se no facto de o SATU ter sido projectado para um percurso de dez quilómetros, até ao Cacém, ou, no mínimo, 5,3 km, até ao Taguspark, e não para os actuais 1200 metros, correspondentes apenas à primeira fase. O SATU é a parte visível de “um projecto bem estruturado, um projecto de futuro, de vanguarda e inovador”, que não se esgota no percurso de 1,2 km que actualmente permite a ligação entre a estação dos Navegantes, em Paço de Arcos, e a do Fórum, no Oeiras Parque. Dados relativos ao número de passageiros apontam para um aumento de 4%, em termos de média mensal, de 2004 para 2005. Essa subida acentuou-se em 2006, com um aumento de 16%, e ainda mais em 2007 (até 31 de Agosto), em que se registou um aumento de 20%.



Para os responsáveis pela empresa municipal que gere o sistema, estes dados revelam que “as pessoas confiam no SATU e que alcançámos a fidelização dos utentes”. Mas adiantam que as potencialidades deste meio de transporte vão muito além do que é agora possível constatar e que essas só vão revelar-se, verdadeiramente, quando o sistema funcionar em pleno, numa extensão muito superior à actual. Mesmo com essa condicionante, um aumento no número de passageiros na ordem dos 20% é claramente superior ao habitualmente registado nos primeiros anos de exploração de qualquer meio de transporte, de acordo com dados de entidades nacionais e internacionais. “Por isso, saber que se tem registado este progresso é, para nós, muito satisfatório”, alegam.

#### SEGURANÇA

Tanto o sentimento de segurança como a segurança efectiva dentro de todo o sistema – veículo, estações e acessos incluídos – ficam em grande medida a dever-se à utilização de modernas tecnologias de vanguarda ao nível dos transportes.

A vídeo-vigilância em todas as estações, acessos e veículos através da sala de controlo, o sistema de portas em estação, o controlo de acessos através de um sistema fechado de torniquetes, os veículos sem condutor e venda automática de bilhetes com funcionamento totalmente automático, garantido por um sistema redundante de autómatos e o sistema de intercomunicação com os passageiros e público em geral nas entradas, nos cais de em-



barque e nos veículos, são elementos que contribuem para a real segurança de todos os utilizadores do SATU. Um inquérito de opinião realizado recentemente permitiu identificar grande percentagem de utilizadores seniores residentes na Tapada, que alegam ter grande confiança nas condições de segurança de todo o sistema.

#### SATISFAÇÃO DOS UTENTES

Um inquérito destinado a apurar o nível de satisfação dos utentes do SATU permitiu também concluir que praticamente 90% classifica de ‘bom’ o método de aquisição de bilhetes, considera ‘fácil’ o acesso aos cais de embarque, diz serem ‘boas’ as condições de segurança das pessoas nos veículos e considera serem ‘boas’ as condições de segurança no sistema, em geral. Dos inquiridos, utentes do SATU, 71% são cidadãos activos e 42% não possui viatura própria. A percentagem desses utentes que utiliza módulos de dez ou vinte viagens é de 64%. Os dados indiciam, ainda, que 51% dos inquiridos viaja no SATU uma vez por dia ou mais do que uma vez por dia, o que aponta para o facto de “termos alcançado a fidelização das pessoas em relação ao sistema”. Por outro lado, apenas 15% dos participantes no inquérito adquire bilhete de ida com regularidade.

#### TECNOLOGIA DE VANGUARDA

Uma das características do SATU está relacionada com o facto de fazer uso de modernas tecnologias. Um cartão danificado, por exemplo, não é, obrigatoriamente, um cartão inutili-



zado. Um utente que possua um cartão danificado com viagens por validar deve dirigir-se a um operador que, graças à tecnologia aplicada, “consegue recuperar a informação contida no chip, através de um número de série, que todos os cartões têm impresso e que tem concordância com o chip existente no interior”.

Apesar da escassa presença humana de modo visível, os responsáveis pela SATU-Oeiras esclarecem que os níveis de humanização do sistema são muito elevados. “No momento em que é necessário, temos capacidade para intervir, no imediato. O factor humano existe, e com grande abrangência, numa sala de controlo que permite controlar tudo, a todo o momento”.

#### TARIFÁRIO

O bilhete de dez viagens, com o preço de 5€ e válido durante 90 dias após a sua aquisição, possibilita a entrada num veículo, sequencial e na mesma altura, de dez pessoas para uma única viagem, ou de cinco pessoas para viagens de ida e volta, o que beneficia grupos de pessoas que desejem circular, em simultâneo, sem ter de adquirir e carregar previamente um outro bilhete. Revela-se vantajoso para os munícipes e demais utilizadores do sistema dado que o preço global de 5€ corresponde a um valor por viagem de 0,50€, permitindo a realização de viagens com um custo inferior ao do bilhete de ida ou de ida e volta. Relativamente ao bilhete de 20 viagens (também utilizáveis ao longo de 90 dias), pode ser adquirido por nove euros, correspondendo a um valor por viagem de 0,45€, excluindo o valor do cartão, 0,50€, que é por natureza reutilizável e recarregável.

Por comparação com a tarifa de autocarro para o percurso entre a estação de caminhos-de-ferro de Paço de Arcos e o Centro Comercial Oeiras Parque - 0,80€/viagem - o SATU apresenta clara vantagem. Apenas o bilhete de ida - 1 euro - apresenta um custo superior à tarifa do autocarro, uma vez que ao adquirir um bilhete de ida e volta - 1,50€ - o preço por viagem se cifra nos 0,75€.

É esta a razão pela qual os carregamentos de 20 viagens em cartão são os mais aconselhados, pela relação custo/viagem mais vantajosa que apresentam, face aos outros bilhetes disponíveis.

#### CERTIFICAÇÃO EM SEGURANÇA, AMBIENTE E QUALIDADE

A empresa SATU-Oeiras, E.M. encontra-se já certificada segundo os referenciais OHSAS 18001, ISO 14001 e ISO 9001, em Segurança, Ambiente e Qualidade respectivamente. ■





## CENTRO HISTÓRICO DE OEIRAS com novo fôlego

*O centro histórico de Oeiras tem sido pintalgado de cores. Cores fortes e vivas de forma a incutir ao espaço arquitectónico, modernidade. A meio do caminho entre um passado de entorpecimento e um futuro dinâmico e cheio de vitalidade, a autarquia tem-se empenhado em manusear as políticas de reabilitação de forma a criar um centro histórico actual, enérgico onde a vida frui de forma plena, sem descurar o património histórico que deseja salvaguardar repleto de valores memoráveis e patrimoniais.*

texto de Carla Rocha  
fotos de Carlos Santos e D.P.E.

O Centro Histórico da Vila de Oeiras, sede do concelho, consiste numa área com cerca de 20 hectares. Superfície esta que possui 351 edifícios na sua maioria anteriores ao final do século XIX. Apesar de todas as mudanças urbanas e paisagísticas das décadas de 60 e 70 do século passado, mantém-se verdadeira ao estatuto de zona habitacional, com comércio do típico local e do tipo diário ou ocasional.

No sentido de salvaguardar os valores históricos e urbanísticos, que durante algum tempo estiveram votados ao abandono, a Câmara Municipal de Oeiras cria, em 1992, o Gabinete do Centro Histórico de Oeiras. Para uma maior compreensão e conhecimento da realidade, bem como de diálogo entre os munícipes e a câmara, este gabinete ficou situado “no terreno”, ou seja, em pelo coração da vila.

Com uma estratégia de gestão global e integrada, a sua acção compreende diferentes áreas de actuação, tais como a requalificação dos espaços públicos, a revisão do mobiliário urbano, a

recuperação do edificado, o cuidado com o uso do solo, a implementação/manutenção de infra-estruturas urbanas, a definição de estratégias de fixação da população mais jovem e de comércio e a promoção de actividades, entre outras.

Procura-se responder às actuais exigências de salubridade e conforto, qualidade e segurança, dando resposta ao desafio da recuperação de um parque edificado e espaços públicos que, aos poucos, se reconhece renovado e cujo conjunto se reverte num património urbano reabilitado que a todos valoriza e pertence. O objectivo é então o de dotar estas zonas de uma modernidade sem alterar significativamente as suas realidades.

Desta forma a reabilitação, mais do que um simples desejo, é uma exigência dos dias de hoje como referencial para o desenvolvimento socio-económico e físico da cidade. É nesse sentido que o Gabinete do Centro Histórico de Oeiras tem vindo a promover acções no sentido de requalificar o espaço público e reabilitar o parque edificado. Vamos dar conta das acções futuras mais relevantes.



Gabinete do Centro Histórico e Queijadas de Oeiras.

#### HABITAÇÃO JOVEM

No âmbito da política de rejuvenescimento do tecido social e de forma a inverter a desertificação do núcleo que constitui o centro histórico, a Câmara Municipal de Oeiras encontra-se a implementar o Programa Habitação Jovem no Centro Histórico de Oeiras. Desta forma, encontram-se 6 edifícios inseridos neste programa que procura, também, requalificar o parque edificado. Tendo em vista a beneficiação e a adaptação dos edifícios e fogos às exigências actuais de conforto e salubridade dos jovens no início da sua vida activa, este programa prevê, actualmente, no Centro Histórico, um total de 34 fogos a atribuir para arrendamento em 2009, sendo 6 de tipologia T0 e 28 de tipologia T1.

#### DINAMIZAÇÃO DO COMÉRCIO

Para além da habitação e na perspectiva de dinamização desta área, a autarquia pretende, por outro lado, dinamizar o comércio existente no centro histórico. Desta forma, o Gabinete Técnico tem vindo a promover a instalação de “estabelecimentos âncora”, que funcionarão como pólos de atracção de público, procurando mobilizar e potenciar a instalação doutros interessados na área do comércio/restauração.

Actualmente, estão previstos a abertura de sete concursos públicos para a concessão de diversos espaços comerciais de propriedade camarária, nomeadamente um restaurante no piso superior do Mercado Municipal, três lojas/restaurantes no Palácio do Egipto e três espaços em edifícios de Habitação Jovem. Um exemplo de sucesso, já implementado, foi o concurso público para a concessão do espaço para restauração e bebidas no Pátio 7 de Junho, ganho pelo projecto “Casa das Queijadas”. Actualmente, já é patente um cenário de nova dinâmica comercial no Centro Histórico de Oeiras com a crescente procura para abertura de novos espaços com maior qualidade de oferta.



Junta de Freguesia de Oeiras e São Julião da Barra..

#### REQUALIFICAÇÃO DO LARGO MARQUÊS DE POMBAL

Com o objectivo principal de requalificação e atribuição de maior dignidade ao Largo dos Paços do Concelho, procura-se, também, resolver problemas detectados no âmbito da adesão da Câmara Municipal de Oeiras à Rede Nacional de Cidades e Vilas com mobilidade para todos.

A proposta consiste na sobrelevação das vias automóveis à cota dos passeios, na repavimentação de toda a área em frente à entrada principal da Câmara com materiais mais adequados e mais nobres para a circulação pedonal bem como automóvel, e na substituição do mobiliário urbano.

A superfície em frente à entrada dos Paços do Concelho será nivelada e repavimentada com calçada de granito, sendo demarcado o eixo preexistente entre o fontanário e a entrada do palácio com lajetas de calcário e com a localização dos mastros de bandeira. No eixo da entrada da Câmara com a entrada do Jardim do Palácio será criado um corredor pedonal contínuo.

A escadaria será aumentada, permitindo o acesso a cada lugar de estacionamento e em cada extremidade será implementada uma floreira.

O início de obra está prevista para o final de 2008. ▀



*Procura-se responder às actuais exigências de salubridade e conforto, qualidade e segurança, dando resposta ao desafio da recuperação de um parque edificado e espaços públicos que, aos poucos, se reconhece renovado e cujo conjunto se reverte num património urbano reabilitado que a todos valoriza e pertence.*



# YOLANDA NOIVO

## Um reflexo d'alma

texto de Guiomar Belo Marques  
fotos de Carlos Santos

Sem esconder a verdade, é um surpreendente exemplo do quanto a idade de uma mulher não tem de ser um segredo. De beleza óbvia, Yolanda Noivo incorpora a esse facto toda a sua sabedoria e sensibilidade, conferindo ao próprio olhar um brilho transmissível ao espiar alheio, numa intensidade especial. Aos 51 anos, pertence àquele grupo de mulheres que sabem guardar a intimidade sem necessidade de levantar grandes guardidas. Mais do que guardar, resguarda. Principalmente aquilo que apenas a ela pertence, explicando, em miradas sinceras e penetrantes, que a vida é como é e nós só temos de ser capazes de saber agarrar. Desfrutando de cada pequenino prazer, assume-o como um privilégio exclusivo de quem valoriza o estar-se vivo. Imparável, não persegue, por certo, a sua beleza evidente numa vida tranquilamente presunçosa, antes preferindo a alegria quotidiana de aproveitar o usufruto grato, brindado pela Mãe Natureza. Há-de voltar um dia, acredita, num outro corpo, talvez menos belo, para completar o que sobrou por fazer. Não é uma pintura de Malagatana, mas talvez seja uma alegoria de Lakshmi, a hindu deusa da beleza e da fortuna.

**Olhando para si, ninguém diria que já virou o meio século de vida.**  
Muito obrigada! (sorriso) Fiz 51 há uns dias (estamos em Setembro).

**Nasceu em Moçambique.**

Os meus pais eram goeses e foram para a Beira.

**Tem irmãos?**

Sou a mais nova de dois irmãos: um rapaz e uma rapariga.

**Que memórias guarda dessa infância moçambicana?**

Das melhores memórias de toda a minha vida. Sei nitidamente que foram os melhores anos da minha vida. Foram anos que me prepararam para o resto do meu percurso. Quando somos pequenos não damos importância a essas coisas, mas quando começamos a crescer percebemos como houve coisas tão importantes e que acabam por determinar muita coisa na nossa vida.

**Essa marca tem a ver com os seus pais ou com o facto de ter crescido em África?**

Tem a ver com tudo, sobretudo o relacionamento com as pessoas, com o estarmos disponíveis uns para outros.

**Como se chama essa terra da Beira, onde cresceu?**

Macuti, à beira-mar. Bem, toda a Beira é à beira-mar. Andávamos



*Olhar pelo vidro de trás do carro e ver que tudo é interminável, que nada acaba, porque em África parece que nada acaba, a paisagem, o pôr-do-sol, o mar, as amizades, nada acaba...*

descalços e cheios de tempo, sem televisão nem consolas. A escola era só de manhã e à tarde tínhamos tempo para tudo. Quando chegávamos às sete da tarde estávamos cansadíssimos e o dia estava preenchido. Também recorro os odores de África, a paisagem a perder de vista, as cores... Tudo era imenso e muito grande.

**Para as crianças é tudo muito maior. Às vezes, quando adultos, surpreendemo-nos com o facto de afinal as coisas não serem tão grandes quanto nos tinham parecido em pequenos, porque a proporção mudou.**

Não é dessa proporção que estou a falar, mas sim, por exemplo, de fazer uma viagem com os meus pais e olhar pelo vidro de trás do carro e ver que tudo é interminável, que nada acaba, porque em África parece que nada acaba, a paisagem, o pôr-do-sol, o mar, as amizades, nada acaba... E tudo isso me deu uma dimensão que faz de mim aquilo que sou hoje. Às vezes as coisas não correm tão bem quanto o desejado e consigo sentir-me bem com uma pequena coisa. Ontem, por exemplo, tive um dia muito cansativo, não tive nem tempo para almoçar ou jantar e à noite, muito cansada, meti-me no carro para

voltar para casa, liguei o rádio e senti-me repentinamente muito bem, muito tranquila, a conduzir debaixo de chuva, ouvindo música.

**Dá valor às coisas simples e muito boas da vida, é isso?**

Muito. Se calhar isso não se deve só aos meus tempos de África mas também, um pouco, à minha idade. Se estivermos atentos podemos ser felizes ao aproveitarmos uma série de coisas pequenas.

**Há crianças que tiram partido de tudo e são pequenas, enquanto muitos adultos não dão valor a nada. Talvez não tenha apenas a ver com a idade mas também com a sua personalidade.**

É verdade, talvez tenha a ver com isso e um pouco com a minha doença aos 13 anos.

**Que aconteceu?**

Não gosto muito de falar disso que, aliás, já foi contado em muitas entrevistas e já chega.

**Mas quem ler esta entrevista pode não saber.** Tive uma doença gravíssima que me fez ficar de cama durante dois anos, e quando se

quer estudar, se sonha em ser médica, se está no Quadro de Honra é muito complicado. Como não pude fazer nada do que tinha programado em miúda, acabei por aproveitar tudo aquilo que me caía no colo. Se não podemos ir pela porta A, se calhar há uma porta B que se abre e que também tem um caminho.

**É optimista?**

Não, nem sempre. Às vezes fico muito magoada com uma palavra que alguém disse e me feriu muito. Nessas alturas fico triste.

**Sempre quis ser médica ou isso resultou do facto de ter adoecido?**

Estudei música clássica e queria muito tocar piano, mas quando fiz o 2º ano do Liceu (actual 6º Ano) percebi que aquilo que queria mesmo era estudar e ser médica num hospital. O ensino, na altura, era mais cativante. Tínhamos tempo para tudo e estudar não era um sofrimento, era um prazer.

**É nessa altura que adocece.**

Fiquei entre a cama e a varanda, sempre em tratamentos, até aos 18 anos, com idas à África do Sul e à então Rodésia. Foi muito

penoso, até porque era uma altura de guerra. Talvez por tudo isso eu tenha a tendência para fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

**Absorve-se muito.**

Exactamente. Às vezes penso que gostaria de ainda vir a fazer Medicina, mas como ainda hei-de cá voltar, fica para fazer nessa altura.

**Numa outra encarnação?**

Quem sabe.

**E quando vem para Lisboa?**

Aos 18 anos. Vim para fazer tratamentos, mas a mudança de clima ajudou a uma melhoria e o médico aconselhou-me a ficar em Portugal. Entretanto, em Moçambique havia muitas dificuldades e os meus pais consideraram que era melhor eu ficar cá.

**E depois?**

Fui para Londres e para França estudar línguas. Quando voltei, comecei a trabalhar como secretária de Imprensa do Conselho de Ministros do I Governo Constitucional.

**Como conseguiu?**

A secretária de Mário Soares era minha prima

e disse-me que ia abrir um concurso e eu corri. Fiquei.

**E a seguir?**

Fui ficando com essas funções nos sucessivos governos até ao da Pintasilgo, altura em que fui para a Assembleia da República exercer as funções de secretária pessoal do Presidente da AR. Foi um trabalho diferente, intenso, mas que me deu muita energia, por termos de estar sempre atentos e sem horários, disponíveis. Foi uma grande escola para tudo o resto que veio a seguir e me permitiu, posteriormente, ter diversos convites.

**Como surge a ideia de se tornar manequim?**

Em contacto com jornalistas e outras pessoas ligadas à moda que começaram a insistir comigo para que me tornasse manequim. Não era muito dada a essas coisas, mas a ideia de mudança desafiava-me, principalmente pelo lado criativo. Acabei por ceder.

**Também se terá devido à sua beleza.**

Talvez por ter um ar exótico...

**Durante quanto tempo foi manequim?**

Apenas durante quatro anos, mas foram

muito intensos e consegui ser a primeira manequim portuguesa a ir lá para fora trabalhar e criei uma imagem forte, que funcionou. Nessa altura, percebi que tinha alguma vocação para o marketing, publicidade, imagem e que eram coisas que deveria explorar profissionalmente. Criei uma escola de manequins e depois nasceu a minha filha. Tinha 31 anos e decidi dar um pontapé em tudo e dedicar-me, durante dois anos, apenas à minha filha.

**Tem mais filhos?**

Tenho um rapaz, de 13 anos, do meu segundo casamento.

**Portanto, aos 33 anos regressa à actividade profissional para fazer o quê?**

Quando regresso abro esta empresa de comunicação que ainda hoje existe, a Yolanda Produtores Associados, juntamente com o meu actual marido que vem da televisão, e hoje é o grupo Y, com várias vertentes.

**Como se dá o início da sua actividade nas novelas televisivas?**

Estive sempre ligada à imagem das empresas pelo que fui contactando, permanentemen-

*No caso do Barrigas de Amor, a YProd criou o projecto com o objectivo de combater a baixa de natalidade e aportámos em Oeiras, que tem um presidente que é um visionário e um Parque dos Poetas que é ainda pouco conhecido e oferece um espaço magnífico para este tipo de iniciativas e não só.*

te, com muitas pessoas. Um dia, o Nicolau Breyner ligou-me a convidar-me para fazer parte da equipa da novela Terra Mãe e disse-lhe que ia ponderar, porque tinha de reflectir sobre se iria portar-me bem, se ia desempenhar o meu papel convenientemente, etc. Acabei por aceitar e eu é que fiz a imagem da minha personagem. Foi tão interessante, que a NBP me convidou para fazer a imagem da novela seguinte, Os Lobos, que tinha personagens de estratos sociais diferentes e deu-me imenso gozo porque tudo tinha de ser evidente através da própria imagem de cada personagem. A seguir, convidaram-me para fazer A Lenda da Garça, como actriz. Durante muito tempo não fiz mais nenhuma porque fui para fora de Lisboa, para a Marinha Grande, lançar a imagem de uma empresa, o que me isolou um bocadinho deste meio.

#### Que tipo de empresa?

Era uma empresa de vidro soprado, a Jasmim, que queria virar-se para a exportação e esse trabalho foi tão profundo, que com o meu gosto pelo desenho acabei por fazer as minhas próprias peças em vidro, o que resultou numa colecção de peças e de jóias em vidro e prata.

#### Levou os seus filhos consigo?

Levei os dois, porque não prescindo dessa minha tarefa e queria acompanhá-los nos estudos e em tudo o mais.

#### A sua filha está a estudar?

Está a estudar Psicologia Clínica.

#### E o filho já sabe o que quer seguir?

Não sabe muito bem, mas gosta de representar. Não sei.

#### Quando regressou a Lisboa voltaram a convidá-la para fazer novelas?

Voltaram a convidar-me e aceitei.

#### Além das novelas, actualmente a sua imagem também está ligada à iniciativa Barrigas de Amor, que foi um sucesso.

A nossa empresa tem vários projectos YProd, que têm a ver com eventos criados pela própria empresa em diferentes áreas: Comunicação, Investimento, Saúde e Desporto, indo agora, nesta última, fazer a criação da imagem de uma nova modalidade que está a impor-se, o Futevolei. No caso do Barrigas de Amor, a YProd criou o projecto com o objectivo de combater a baixa de natalidade e aportámos em Oeiras, que tem um presidente que é um visionário e um Parque dos Poetas que é ainda pouco conhecido e oferece um espaço magnífico para este tipo de iniciativas e não só. Foi um sucesso e estamos a estudar voltar a repetir a iniciativa no próximo ano, mas queremos melhorá-la, com mais tendas, com animações dirigidas para as grávidas, etc. Portanto, era um dia e agora vai repetir-se no próximo ano, porque teve excelentes resultados. Foi muito giro e as pessoas gravaram o nome. Aliás, apesar das novelas, agora as pessoas que me abordam falam-me é do Barrigas de Amor, o que tem graça.

#### Aprecia o contacto com as pessoas que a reconhecem na rua e se lhe dirigem?

Já se sabe, de antemão, que quando se tem um trabalho com muita visibilidade, não anónimo, isso é uma consequência. É evidente que quando a aproximação é simpática, isso é agradável, mas quando somos arrastados pode ser um bocadinho demais. Seja como for, é assim mesmo, é uma obri-



gação, já que estamos a fazer um trabalho público em que há que contribuir e retribuir a simpatia das pessoas que se aproximam de nós.

#### Saiu de Moçambique com 18 anos. Voltou? Só voltei em 1993.

#### Como reencontrou a terra onde cresceu?

Foi um choque! Como tinha saído só por um mês, tinha deixado tudo como era, como a minha bicicleta e tudo o resto. Nesta ida, quis ir à Beira e tudo parecia outra coisa. Parecia que tinha havido guerra, sem ter havido, com tudo destruído pela falta de manutenção do que existia e sem reconstrução do que se foi degradando. De forma que me apareceu um país parado no tempo. Primeiro fui a Lourenço Marques (actual Maputo) e a seguir à Beira. Fiz todo o percurso da minha infância, o muro, a escola, o liceu, a praia...foi muito difícil aceitar que tudo foi um ciclo que se tinha fechado.

#### Pensa voltar?

Gostava muito de lá voltar com os meus fi-

lhos, para lhes mostrar os percursos da minha infância, mas também o resto.

#### Se pudesse voltar atrás, haveria coisas que mudaria ou que hoje faria diferente, tendo em conta os contextos e não tanto a sabedoria que acumulou e com a qual não poderia contar antes?

Teria, com certeza. Há coisas que teria feito melhor.

#### Por exemplo?

Quando fui desfilar em Paris, sozinha, porque não tinha agência, e consegui marcar a minha imagem, tive muitas propostas. Estava com 28 anos e tinha feito um excelente nome aqui. Mas, naquela altura, tinha tantas responsabilidades familiares que achei que devia voltar. Hoje penso: será que dei um pontapé no calhau errado? Há muitas opções que fazemos por na altura acharmos que são as mais correctas. Depois, interrogamo-nos se teria sido a melhor. A nossa vida é um pouco como o jogo dos flippers: conforme conseguirmos o impulso de saída, assim seguirá a bola. ■



# AMPLIAR

## horizontes através da arte

*António Terra, director artístico  
da Companhia de Actores*

*“O teatro transformou a minha vida, por isso tenho uma  
responsabilidade ética e moral com este trabalho”*

texto de Ana Henriques  
fotos de Carlos Santos

Transformar atitudes e comportamentos através da arte é um dos principais objectivos do projecto Ampliar – cultura e intervenção social, desenvolvido pela Companhia de Actores e dirigido por António Terra.

Uma intervenção artística que tem como função principal a integração social de grupos específicos.

Com uma vasta experiência na área de intervenção social, António Terra, iniciou o seu trabalho no Brasil. No seu curriculum conta com trabalhos desenvolvidos com “meninos de rua” e outros grupos socialmente desfavorecidos.

Ao chegar a Portugal, há cerca de seis anos, fundou a “Companhia de Actores” uma associação cultural composta por profissionais das mais diversas áreas artísticas.

Nesta associação, esclarece António Terra, “desenvolvemos projectos sociais com grupos desfavorecidos, actuando ao nível da consciencialização e transformação, pessoal e colectiva. Contribuindo para a integração de culturas, aumento da auto-estima, respeito por si e pelos outros, visando a igualdade de oportunidades.”

Fruto desta associação, nasce no concelho de Oeiras, o projecto Ampilarte. Este projecto destina-se a jovens dos 15 aos 21 anos e proporciona-lhes formação pedagógica numa óptica de responsabilidade social. “Pretendemos que os alunos transportem para a sua vida os valores apreendidos durante a formação. Tornando-os formadores de opinião e um exemplo positivo dentro da comunidade onde estão inseridos.”

O primeiro trabalho desenvolvido foi um Atelier de Iniciação ao Teatro com um grupo de jovens de Outurela-Portela. As dificuldades iniciais foram muitas e marcaram esta primeira fase de integração do projecto, “a primeira abordagem foi muito difícil, foi quase necessário ir buscá-los para explicar o que era o trabalho”.

Nos primeiros três meses a adesão não foi a desejável, no que concerne ao interesse, responsabilidade e aceitação de regras.

Durante cerca de cinco meses, foram trabalhadas várias áreas, como a disciplina, a concentração e a entrega “culminando com apresentação do espectáculo intitulado Com os pés no chão - uma questão de atitude.”



António Terra, confessa que “no dia da estreia houve uma grande revelação, o grupo sentiu-se valorizado porque o público gostou imenso.”

O espectáculo “Com os pés no chão”, explica o actor, “é muito simples mas com uma carga energética muito forte, com uma banda sonora muito bonita e fala dos medos e das perspectivas destes jovens.”

O impacto do espectáculo foi notório, logo o grupo foi convidado a participar em vários encontros incluindo “a sessão de encerramento do Congresso de Oeiras sobre a Adolescência, a convite da Autarquia.”

Os resultados deste primeiro trabalho são visíveis, segundo António Terra, estes jovens “demonstram agora uma postura bem diferente da inicial ao nível de comportamentos e de mentalidades, alguns voltaram a trabalhar estão simultaneamente no ensino recorrente, têm uma nova semente plantada dentro deles.”

É com orgulho que nos revela que “dois alunos nossos estão a prestar provas para entrar no conservatório para teatro. E uma aluna vai para Moçambique em missão humanitária. Eles têm agora perspectivas, têm um novo rumo.”

Projectos não faltam ao Ampliarte, Setembro foi o mês eleito para trabalhar no Bairro dos Navegadores.

Como estratégia, “criaremos uma interacção entre os dois grupos durante o processo de trabalho, levando a vivência e testemunhos dos antigos alunos, aos novos, visando uma identificação social e cultural de maior impacto.”

É com entusiasmo que António Terra encara esta nova fase e esclarece que “o processo é o mesmo mas o grupo de Outurela agora entra numa fase mais exigente.”

O desafio está “precisamente em conquistar a confiança do grupo, cada aula é uma caixa de surpresas, nunca sabemos o que é que pode acontecer, às vezes vamos com uma ideia que não resulta e é preciso cativá-los, temos que ir ao encontro do grupo.” A intensidade com o actor vive este trabalho define-se na sua própria experiência de vida “o teatro transformou a minha vida, eu nasci num bairro sub urbano no Rio de Janeiro, onde a maioria da minha geração ficou pelo caminho e foi o teatro que me reencontrou. Isso para mim é a base, se aconteceu comigo então eu sei que posso passar esta mensagem aos outros, eu não estou a falar de demagogia.”

Por isso, o objectivo global do Ampliarte é “respeitar as referências sociais destes jovens, não é de modo nenhum impor uma integração num meio social específico mas possibilitar-lhes uma escolha, de forma livre e o mais informada possível.”

Enquanto director pedagógico António Terra defende “que o bem-estar social é reflexo do bem-estar individual, familiar e comunitário são estes os pólos de actividade que mais valorizamos.”

Arrisco-me a dizer que o Ampliarte é um atelier cultural, aos profissionais envolvidos, move-os o compromisso em mudar mentalidades, formas de estar e de encarar a vida. Une-os a versatilidade, o ritmo de representação, a entrega de corpo de alma, ao projecto que desejam, dentro em breve, ver voar. ■

*O espectáculo “Com os pés no chão”, explica o actor, “é muito simples mas com uma carga energética muito forte, com uma banda sonora muito bonita e fala dos medos e das perspectivas destes jovens.”*



A Amgen é uma empresa de biotecnologia que nasceu nos Estados Unidos da América, mais precisamente na Califórnia, no ano de 1980. Os primeiros dez anos de actividade da empresa foram totalmente consagrados à pesquisa de novos medicamentos. Só nos anos 90 deu início às actividades de comercialização.

Considerada a maior empresa do Mundo no sector da biotecnologia, o volume de vendas da Amgen atinge actualmente os 14 biliões de dólares, empregando cerca de 20 mil pessoas, em todo o Mundo.

“Em Portugal somos, actualmente, 50 funcionários, desde delegados de informação médica, que são os profissionais que estão em contacto com a comunidade médica, até aos elementos que compõem o departamento médico, cerca de 12 pessoas, que colaboram com hospitais e com médicos na realização de pesquisas e de ensaios clínicos de novos produtos”, assinala Rafael Fernandez.

A Amgen consagra grande parte da sua actividade à investigação científica. Nesse âmbito, actuam como “parceiros de diversas universidades no Mundo, bem como institutos de investigação, até porque sabemos que ninguém pode fazer tudo sozinho e que as parcerias nestas áreas são muito importantes”.

Oncologia e nefrologia são as áreas às quais a Amgen se dedica, áreas nas quais, conforme explica Rafael Fernandez, “o impacto da doença é muito grande, tanto para o doente, como para a família, como para a sociedade, de um modo geral”.

No capítulo da nefrologia, a Amgen actua produzindo medicamentos que “ajudam os doentes renais a ter uma vida normal, mesmo que façam diálise”, o que em alguns casos pode acontecer durante décadas. Desmistificar a doença – tanto no caso de doenças renais como oncológicas – e educar os doentes sobre os cuidados que devem ter para que possam continuar a ter uma vida normal são duas das principais preocupações da empresa no que à responsabilidade social diz respeito.

#### A MELHOR EMPRESA PARA TRABALHAR EM PORTUGAL

Em 2006 a empresa, instalada no Taguspark há já sete anos, foi considerada, pelo ‘Great Place to Work Institute’, como a Melhor Empresa para Trabalhar em Portugal e, no ano seguinte, como a Melhor Empresa Farmacêutica para Trabalhar em Portugal, a Melhor Empresa para as Mulheres Trabalharem e a 3.ª Melhor Empresa para Trabalhar em Portugal.

Em 2006-07, a Amgen Portugal participou num estudo da Associação Portuguesa de Ética Empresarial dirigido a pequenas e médias empresas, com o intuito de avaliar as práticas de responsabilidade social da organização, tendo recebido uma menção honrosa pelo destaque das suas práticas na categoria de Gestão de Recursos Humanos.

No capítulo da responsabilidade social, a nível interno acredita-se que “pessoas qualificadas, empenhadas e motivadas desenvolvem um trabalho de qualidade”. Daí que sejam muitas e diversificadas as “regalias que diariamente procuram proporcionar as melhores condições de trabalho aos colaboradores”.

A nível externo, a Amgen estabelece parcerias com associações de doentes, dinamizando iniciativas que vão desde o apoio na divulgação e sensibilização para a doença, à realização e divulgação de actividades de grupo promovidas pelas associações.

Paralelamente, a empresa colabora com instituições de solidariedade social às quais concede apoios que abrangem a realização de campanhas de recolha de donativos em género e acções de formação e educação.

Os contributos da Amgen incluem, para além do fabrico e distribuição responsável de medicamentos, o apoio a hospitais, universidades e outras instituições, quer através de donativos, quer através de acções de formação e divulgação de temas de interesse, e um crescente envolvimento comunitário.

*Na nossa equipa, a solidariedade está integrada no espírito de missão, o qual é sentido e valorizado todos os dias na empresa. Na Amgen temos a preocupação de contribuir, da melhor forma possível, para o bem-estar dos doentes e do meio em que estamos inseridos.*



#### DEVOLVEMOS À COMUNIDADE AQUILO QUE RECEBEMOS DELA

A nível local, a Amgen integrou, em 2006, o programa municipal ‘Oeiras Solidária’, através do apoio à iniciativa ‘Hospital das Brincadeiras’, que decorreu no Dia Mundial da Criança e teve como principal objectivo familiarizar as crianças com os hospitais e os cuidados de saúde em geral. Em Abril passado, a Amgen esteve representada na ‘Semana da Saúde’, evento promovido pela Câmara Municipal de Oeiras.

Mais tarde, em Junho, a Amgen celebrou o Amgen Day, que acontece nas delegações da empresa por todo o Mundo, com uma iniciativa de voluntariado.

“O Amgen Day é um dia inteiramente consagrado ao convívio entre todos os funcionários e que este ano foi aproveitado também para fazer algo em benefício da comunidade”.

O objectivo da acção foi reabilitar um edifício degradado (em tempos destinado a funcionar como centro comercial) e transformá-lo na Casa das Culturas – um espaço destinado a apoiar os emigrantes residentes na zona de Oeiras e contribuir para a sua reinserção na comunidade. “Para mim foi oficialmente o primeiro dia aqui na Amgen e foi algo muito bom, porque de certa maneira demonstra a filosofia da companhia”, aponta Rafael Fernandez.

“Na nossa equipa, a solidariedade está integrada no espírito de missão, o qual é sentido e valorizado todos os dias na empresa. Na Amgen temos a preocupação de contribuir, da melhor forma possível, para o bem-estar dos doentes e do meio em que estamos inseridos. Vemos a companhia como uma cidadã responsável que devolve à comunidade aquilo que recebe dela”.

“O facto de termos ganho o prémio de Melhor Empresa para Trabalhar em Portugal fez-nos ganhar também uma consciência e um sentido de responsabilidade, que deixou de ser apenas de cada um dos seus colaboradores e passou a ser colectivo, da companhia. Sentimos o peso da importância associada a um prémio destes”.

Em resultado, “o conceito de cidadania empresarial ganhou outros contornos e começámos a olhar para os aspectos da responsabilidade social, como um conjunto de princípios e orientações que devem estar integrados nos objectivos da companhia. Essa será a nossa preocupação daqui para a frente: consolidar todas as práticas já implementadas nos nossos objectivos e integrar outras, sempre dentro da mesma linha de orientação, com o objectivo de garantir a sustentabilidade da companhia”.



# GONÇALO M. TAVARES

“O bicho humano é muito semelhante em todo o lado”

*Recentemente galardoado com um dos maiores prémios literários de língua portuguesa, o Prémio Portugal Telecom de literatura, atribuído no passado dia 17 de Outubro no Brasil, com o livro “Jerusalém”, também editado e distinguido em Portugal no ano de 2004, Gonçalo M. Tavares aceitou o convite de Carlos Vaz Marques para uma conversa ‘A Dois’.*

texto de Carlos Vaz Marques  
fotos de Carmo Montanha

Entre o “Reino” e o “Bairro”, o território literário de Gonçalo M. Tavares não pára de se expandir. Nascido em Angola, criado em Aveiro, vive em Lisboa e é professor no concelho de Oeiras. Os lugares a que se dedica na escrita são outros, no entanto. Um tempo e um espaço difíceis de determinar com exactidão. O que mais conta para o escritor, que se tem vindo a afirmar em Portugal e internacionalmente, não são as coordenadas geográficas mas os resultados de uma investigação (palavra de que gosta particularmente e que usa com frequência) humana e literária. Finalista do prémio Portugal Telecom, o maior do Brasil em termos monetários e um dos maiores para escritores de língua portuguesa, tem um novo romance da série “Livros pretos” (onde anteriormente saíram “Um Homem: Klaus Klump”, “A Máquina de Joseph Walsler” e “Jerusalém”) prestes a chegar às livrarias: vai chamar-se

“Aprender a rezar na era da técnica”. Há, no entanto, uma obra do escritor, que continua a poder ser lida apenas em Oeiras. “Os objectos” é um livro em exemplar único que obriga os leitores interessados a deslocarem-se à Biblioteca Municipal de Oeiras para o poderem ler. Disso se falará também nesta conversa em que Gonçalo M. Tavares explica o que o leva a fazer frequentes percursos a pé, quase sempre com um mochila de livros às costas, e porque lhe agradam mais as paisagens humanas do que as paisagens da natureza.

#### **Gosta de cidades?**

Gosto muito. Cada vez mais. Adoro andar a pé pela cidade de Lisboa. Não me vejo muito a caminhar num sítio deserto.

#### **Não faz caminhadas dessas no campo?**

Não. Acho que me entediava. Vou sempre

pelo caminho onde haja mais pessoas. Mesmo que seja o mais longo. Gosto imenso de sentir as pessoas a passarem de um lado para o outro.

#### **O gosto pela cidade está associado ao prazer do contacto humano?**

Contacto à distância. Não é preciso tocar (gargalhada). Não gosto de estar no meio de uma multidão a assistir a alguma coisa. Mas gosto de caminhar no meio de pessoas que se movimentam em diferentes direcções. É uma sensação de estar perdido e ao mesmo tempo de ir numa direcção em que simultaneamente nos afastamos e nos encontramos. Isso agrada-me.

#### **O que é que lhe faz gostar mais de um lugar do que de outro?**

É difícil. Isso, se calhar, tem de ser explicado por qualquer coisa não muito racional e por-

tanto não muito verbalizável. Eu gosto muito de ter um certo ritual. Quando descubro uma cidade não sou muito de ir aos vários pontos dessa cidade. Se me cruzo, por acaso, com um sítio – pode ser uma pequena praça, um café numa praça – em que me sinto bem, posso passar os outros cinco dias, durante a maior parte do tempo, naquela praça, naquele café.

#### Mais do que conhecer uma cidade, prefere reconhecê-la?

Gosto de ter um ponto de observação. Há sítios de onde conseguimos observar bem as pessoas. São uma espécie de torres de observação. Cada cidade tem vários desses sítios, várias torres possíveis.

#### E o que o motiva é sempre a observação de pessoas?

Quase sempre de pessoas.

#### Quer dizer que, para gostar de uma cidade, atribui mais importância às pessoas do que aos edifícios ou ao clima, por exemplo?

Às pessoas, em primeiro lugar. Claro que a arquitectura é paisagem mas é também personagem.

#### Uma paisagem marcada pela mão humana.

Claro. Estar numa praça, em Praga, tem um impacto que tem a ver com as pessoas que passam mas também com o facto de o espaço ser fabuloso. Mas eu gosto, em particular, de sentir o andar. O Balzac tem um texto extraordinário que é “A Teoria do Passo”. Ele analisa, a partir de vários tipos de passo, a psicologia, o comportamento, etc. De certa maneira, eu também gosto imenso de observar as pessoas a andar.

#### Tem a sua própria teoria do passo?

Acho que tenho, um pouco. E também a das pequenas conversas. Ou seja, quando estou num sítio onde não me conhecem transformo-me de certo modo num observador. Gosto muito de ouvir discretamente, de perceber pequenos sinais. Posso ficar fascinado a ouvir ou a pressentir uma discussão entre um casal. Mesmo numa língua que eu não conheça.

#### Mas dizia que tem a sua própria teoria do passo.

Não é tanto uma teoria própria.

#### Teoria entre aspas, evidentemente.

O texto do Balzac é interessante porque ele classifica tipos de pessoas de acordo com o tipo de passo. De certa maneira faz uma espécie de exercício que muitas vezes nós fazemos quase instintivamente: perceber, no limite, se estamos perante alguém que vem de uma grande tragédia ou que vem de uma grande alegria. Acho que isso é perceptível. Pela forma de andar, pela expressão.

#### Isso é sempre individual ou tem observado variações consoante o lugar onde faz a observação?

O bicho humano é muito semelhante em todo o lado. É verdade que eu não estive ainda em sítios onde provavelmente o bicho humano é um pouco diferente. No Japão, na China, talvez exista um conjunto de comportamentos um bocado diferentes. Mas na Europa, que eu conheço, pelo menos, os comportamentos são muito semelhantes. O que eu tento, portanto, não é tanto uma teoria mas perceber coisas diferentes. Há dois tipos de espaços: um, em que me cruzo com centenas de pessoas em poucos minutos; e há outros em que estamos sentados e vemos uma pessoa de minuto a minuto. Conseguem-se ver a pessoa, ao longe, a chegar, a afastar-se, depois. Isso, mais do que dois tipos de espaço, são dois tipos de postos de observação. São muito diferentes mas gosto muito de ambos. No meio da multidão, aquilo que nós vemos é uma espécie de mancha rápida. Se estamos num sítio onde passa muito pouca gente, vemos os pormenores. Há quase uma espécie de história intra-individual, entre mim, o observador, e o observado. Gosto de construir dois tipos de histórias ligados a esses dois tipos de observações.

#### Escreve a partir dessas observações, aproveita-as literariamente?

Acho que já apareceram nos livros, claramente, coisas que foram observadas. Cla-

*Perceber, no limite, se estamos perante alguém que vem de uma grande tragédia ou que vem de uma grande alegria. Acho que isso é perceptível. Pela forma de andar, pela expressão.*



ro que depois são transformadas, não sei como. Mas não é um hábito meu, por exemplo, tomar notas sobre um acontecimento qualquer em concreto. É como andar. É uma espécie de pré-escrita. Ou de pós-escrita, no meu caso, porque eu escrevo de manhã e quando ando é mais da parte da tarde. Mas é um momento em que não estou a escrever nada mas há um processo mental curioso. Não escrevo mas há ali qualquer coisa que fica.

#### De que modo é que o lugar geográfico onde se escreve afecta aquilo que se escreve?

Eu quando escrevo, escrevo quando muito sobre uma cadeira e uma mesa. Não sinto que escreva em cima do mapa de Portugal.

#### O que também poderia acontecer era o inverso: não se sentir em cima de Portugal mas sentir Portugal sobre si.

Não, também não sinto isso. Eu percebo que, em países recém-formados, países que estão a defender a sua língua, os seus hábitos a sua cultura, percebo que haja um sentimento de necessidade de falar das coisas do país. Agora, acho absurdo, num

país como o nosso, autónomo há muitos séculos, continuar a pensar-se que a arte, que a literatura, tem de estar circunscrita a temas locais. Não faz sentido. É evidente que se eu vivesse na Alemanha ou em França ou em Itália...

#### Era um escritor diferente?

Sim. De certeza. Não acho que seja imune – nem quero ser, bem pelo contrário – ao sítio onde vivo. Os meus diferentes livros falam sobre diferentes coisas mas espero que falem sobre as pessoas.

#### Não falam é sobre pessoas portuguesas, pelo menos a avaliar pelos nomes das personagens.

Alguns falam. Mas eu julgo que as pessoas portuguesas estão incluídas nas pessoas (gargalhadas). Isto tem que se acrescentar que é ironia porque por escrito a ironia é muito complicada.

#### Aqui há tempos dizia, justamente, que o que lhe interessa é “investigar o Homem, não o homem português”.

Porque eu acho que investigar o homem

português, apesar de tudo, é mais redutor do que investigar o Homem. Em vez de investigar o homem português também posso investigar o lisboeta, também posso investigar o habitante de Campolide, posso investigar o da rua tal, número 53. Claro que também assim estarei a investigar o homem no seu sentido mais geral. Ou seja, o facto de eu querer estudar o homem no geral pressupõe que eu quero estudar o homem no particular. Parece-me que há um conjunto de coisas que são comuns no ser humano e são essas coisas mais comuns nos vários seres humanos que me interessam mais. Eu poderia tratar a relação de um homem com o fisco português, por exemplo, mas isso a mim não me interessa muito. A mim, interessa-me mais a relação do homem com o Estado.

#### Mas há muitos escritores que chegam ao geral pelo particular. É o método inverso?

Acho que há a tendência para separar essas coisas mas elas não estão separadas. Se eu conseguir tocar numa coisa que é sentida por várias pessoas, eu estou a tocar particularmente no João, no António, no

Pedro. Parecendo talvez estranho, eu gosto imenso daquilo a que se chama o estudo de caso. Não fujo do particular. Gosto imenso do particular. O que há é várias formas de o entender. O meu novo romance – “Aprender a rezar na era da técnica” – é muito centrado numa pessoa. No percurso dessa pessoa. É dividido em Força, Doença e Morte.

**Essa personagem é alguma das que já conhecemos nos Livros Pretos anteriores?**

Não. Mas é um médico que se cruza com o Joseph Walser, a personagem do segundo romance. Cruza-se também com os loucos do Hospício Georg Rosenberg, em “Jerusalém”. Este é o último livro da série a que eu chamo “O Reino” e há realmente uma série de relações entre os diferentes romances.

**Este é o quarto romance; não estavam previstos cinco?**

Pois (*gargalhada*). De início estavam previstos cinco mas provavelmente este vai ser o último. Talvez daqui a uns anos saia “O Reino” todo, em conjunto, num volume só, porque é, de certa maneira, um romance único. Eventualmente, aí poderá aparecer qualquer coisa que ainda não apareceu nos outros.

**A “era da técnica” referida no título é a época actual ou outra era, futura ou passada?**

Acho que não será nunca futura, mais passada. Mas não é propriamente muito marcada.

**É o mesmo tempo histórico dos outros três romances deste ciclo?**

É o mesmo tempo histórico, que eu não sei bem qual é.

**Percebe-se que é algures no período das guerras.**

Pois. Acho que dá essa sensação. Essa é uma ótima definição: estamos sempre no período das guerras. É um livro sobre o período das guerras.

**Esse é o lado literário mais negro que tem**

**o contraponto na série “O Bairro”, com os livros dos Senhores. É curioso que, não havendo nos seus livros marcas geográficas explícitas, tenha sentido a necessidade de criar um bairro.**

É engraçado. Há coisas que só se percebem mais tarde. E há coisas em que ainda não percebo o que é que estou a fazer. Vou percebendo. Eu ainda não sei bem o que é que estou a fazer no Bairro. Há pouco tempo comecei a pensar numa coisa em que não tinha pensado previamente: tenho por um lado “O Bairro” e por outro “O Reino”. São dois espaços completamente diferentes. “O Bairro” remete para algo afectivo, fechado, de certa maneira protector, onde estamos em segurança.

**Um bairro totalmente literário.**

Há ali vários senhores que se cruzam num tempo e num espaço fora do espaço e do tempo normais. Por outro lado, pensei há pouco tempo, “O Reino” é claramente o oposto. Alguém que está num reino é alguém que está perdido num espaço onde não tem coordenadas, onde não pode deixar os filhos com os vizinhos. É um espaço de certa maneira agressivo, violento. É interessante o facto de, sem eu ter pensado nisso previamente, terem surgido dois mundos que se opõem.

**O bairro poderia ter um dia destes um habitante chamado Senhor Tavares?**

Não sei. Seria um bairro onde, provavelmente, eu me iria sentir bem, sim. Aliás, algumas pessoas já me disseram que queriam ir viver para aquele bairro. Eu não sei o que lá irá acontecer mas, para já, as pessoas que o habitam – as sete que já conhecemos – são pessoas com alguns jeitos interessantes. Os senhores não são pessoas, nenhum deles, que incomodem os vizinhos. A grande desvantagem de um bairro é podermos ser incomodados pelos vizinhos. Neste bairro, até ver, cada pessoa tem o seu mundo.

**Não há o problema das reuniões de condomínio.**



Não. O Vilas-Matas escreveu precisamente sobre a ideia de uma reunião de condomínio, que seria interessante naquele bairro. Mas não sei se será possível, ali, porque cada um tem o seu mundo autónomo. Isso agrada-me muito. Não gosto de viver num bairro onde as pessoas não têm o seu mundo próprio. E também não gosto de bairros onde as pessoas têm um mundo mental comum, em que todas pensam da mesma maneira, em que têm o mesmo tipo de hábitos. Acho que ali me iria sentir bem. Eu gosto muito da ideia de bairro.

**Há mais senhores a caminho do bairro?**

Há. Não sei se em breve, mas o projecto com os futuros habitantes já saiu no último, o Senhor Walser. Um bairro é uma coisa móvel, podem sair e entrar pessoas.

**Os próximos já estão definidos?**

Estão aí a aparecer o Senhor Eliot, o Senhor Duchamp e a Senhora Wolf. São capazes de ser os próximos. Mas nestas coisas às vezes há grandes mudanças. Eu guardo muito tempo entre o momento da escrita e o mo-

*Oeiras é um espaço que eu acho muito agradável. É engraçado perceber que está a ganhar várias coisas a Lisboa. Conheço várias pessoas que estão a mudar de Lisboa para Oeiras.*

mento da publicação. Imenso tempo. Às vezes anos.

**Por uma questão de precaução?**

Para olhar, para ter tempo, para digerir, para cortar.

**“Os Objectos”, o livro que é exemplar único e está na Biblioteca de Oeiras também teve esse longo tempo de pousio?**

Sim. Já não me lembro bem das datas. Desde que se combinou fazer isso e até ao momento em que o livro foi exposto talvez tenham decorrido dois anos. Quando sair dali, o livro provavelmente há-de ter outra vida. Houve objectos que ficaram de fora.

**O que é que lhe interessou naquele projecto: foi a ideia de um livro de exemplar único?**

Em primeiro lugar isso, a ideia de um livro que só se pode ler naquele espaço. Isso agrada-me. A ideia não é exactamente dificultar a vida às pessoas, é a de não a facilitar excessivamente. O Konrad Lorenz, por exemplo, tem um texto muito interessante em que conta, a certa altura, que vi-

via na cidade, numa casa onde era visitado constantemente por pessoas que iam lá falar com ele. A certa altura, mudou para uma zona, creio que do Canadá, completamente deserta e em que havia uma casa de dez em dez quilómetros. O que ele diz é que a mudança foi uma espécie de selecção natural para ele perceber que, quando alguém lhe tocava à campainha, era alguém que queria realmente vê-lo. Ao ponto de ter mudado o próprio comportamento ao ouvir o toque da campainha. Ele que se irritava, ao ouvi-la, por estarem constantemente a intrometer-se, passou a sentir o toque da campainha, depois de se ter isolado, como uma espécie de momento de salvação. Começou a perceber que a campainha passou a provocar-lhe uma sensação de alegria. Percebeu que quem lá ia, ia lá porque realmente queria estar com ele. Havia ali um esforço.

**Essa parte de existir um esforço que acrescenta valor àquilo que se faz também está presente na ideia do livro que obriga a uma deslocação à biblioteca?**

Sim. Se alguém quiser ler aquele livro tem de lá ir. Não é que eu dê muita importância a isso mas acho que há, por vezes, uma facilidade, criada pela tecnologia, que multiplica relações e contactos com pessoas que não estão minimamente interessadas em nós nem no nosso trabalho. Isso é uma das coisas que cada vez me irrita mais.

#### **Mas tem telemóvel.**

Tenho telemóvel mas cada vez mais me interessa seleccionar melhor e perceber quem é que está realmente interessado no nosso trabalho e quem é que só está interessado no facto de nós termos dado uma entrevista anteriormente.

#### **Aquele exemplar único está naquela biblioteca e não noutra por alguma razão em especial?**

Houve uma série de cruzamentos de relações pessoais que explicam isso. Para já, Oeiras é um espaço que eu acho muito agradável. É engraçado perceber que está a ganhar várias coisas a Lisboa. Conheço várias pessoas que estão a mudar de Lisboa para Oeiras.

#### **Perguntei se havia alguma razão particular para o livro “Os Objectos” só poder ser lido em Oeiras porque o Gonçalo dá aulas no concelho de Oeiras, na Faculdade de Motricidade Humana.**

De certa maneira, há uma relação. Precisamente por trabalhar em Oeiras houve um convite para determinadas actividades. Fez-se antes disto uma conversa e uma brincadeira de teatro com os Senhores. O ponto de origem do livro até julgo que foi esse encontro. Acho que foi por eu ter dito que uma coisa que me agradaria era escrever um livro num determinado espaço, numa parede e de como isso influenciaria aquilo que se escreve. Ali o que me agradou foi, voltando ao início, a ideia do passo: de uma pessoa ler a andar, ler fazendo um percurso muito lento. Ali quem se move é o leitor. Move-se mesmo corporalmente.

#### **Referiu há pouco que há uma série de aspectos em que Oeiras está a ganhar terreno a Lisboa. Dê-me exemplos.**

Eu gosto imenso de Lisboa. Fico triste por isso mas contente por Oeiras. Não é de agora. Oeiras está há uma série de anos a apanhar coisas que não são, à primeira vista, muito significativas mas que a médio e longo prazo têm significado: o centro de tecnologia, por exemplo. O que eu sinto, por pessoas que conheço, é que há gente a trocar Lisboa por Oeiras por uma questão de qualidade de vida.

#### **Conhece bem Oeiras?**

Sim. Embora não conheça com pormenor. Aliás, não conheço bem Lisboa. Eu sou um bicho de sítios repetidos. Em Oeiras, uma coisa que recentemente apareceu e que eu acho interessante é o Passeio Marítimo. Já fui lá algumas vezes e é o tipo de espaço que me agrada. Por sentir que há uma série de coisas a acontecer ao mesmo tempo. De certa maneira, o que eu acho que se criou ali, naquele espaço, foi uma espécie de corredor de cidade. Gosto muito da sensação de haver muita gente e cada um a fazer o seu passo, o seu caminho. Há uma ideia muito bonita de um escritor alemão que dizia que a ideia de liberdade dele era estarem uma série de pessoas num mesmo espaço a dançar, livremente, sem olharem uns para os outros, mas com tal destreza, com tal instinto que nunca haveria qualquer toque que perturbasse os outros.

#### **É também essa a sua ideia de liberdade?**

É. Os momentos em que eu me sinto melhor são esses momentos em que, com várias pessoas à volta, não me sinto observado nem me sinto observador. Acho que a liberdade tem muito a ver com não nos sentirmos observados. Há um grau de concentração de pessoas abaixo do qual nós nos sentimos observados por sermos tão poucos. Mas também há um limite acima do qual já há uma perturbação física, já há demasiado toque. ■

*Em Oeiras, uma coisa que recentemente apareceu e que eu acho interessante é o Passeio Marítimo. Já fui lá algumas vezes e é o tipo de espaço que me agrada. Por sentir que há uma série de coisas a acontecer ao mesmo tempo.*

| OEIRAS COM ARTE |

# História dos estranhos telexes do meu trisavô

*Esta história é sobre coincidências raras, que acontecem na vida de muitas pessoas e que parecem funcionar como portas para o “misterioso”, explicitando a limitada apreensão da complexidade da vida e do universo, própria da condição humana, mas, também, a sua infinita curiosidade de observar, de sentir e de perceber.*

*Assim, há quem acredite que certas pessoas são reencarnações de personagens históricos e há mesmo quem acredite que certas coincidências estranhas não são apenas fruto do acaso...*

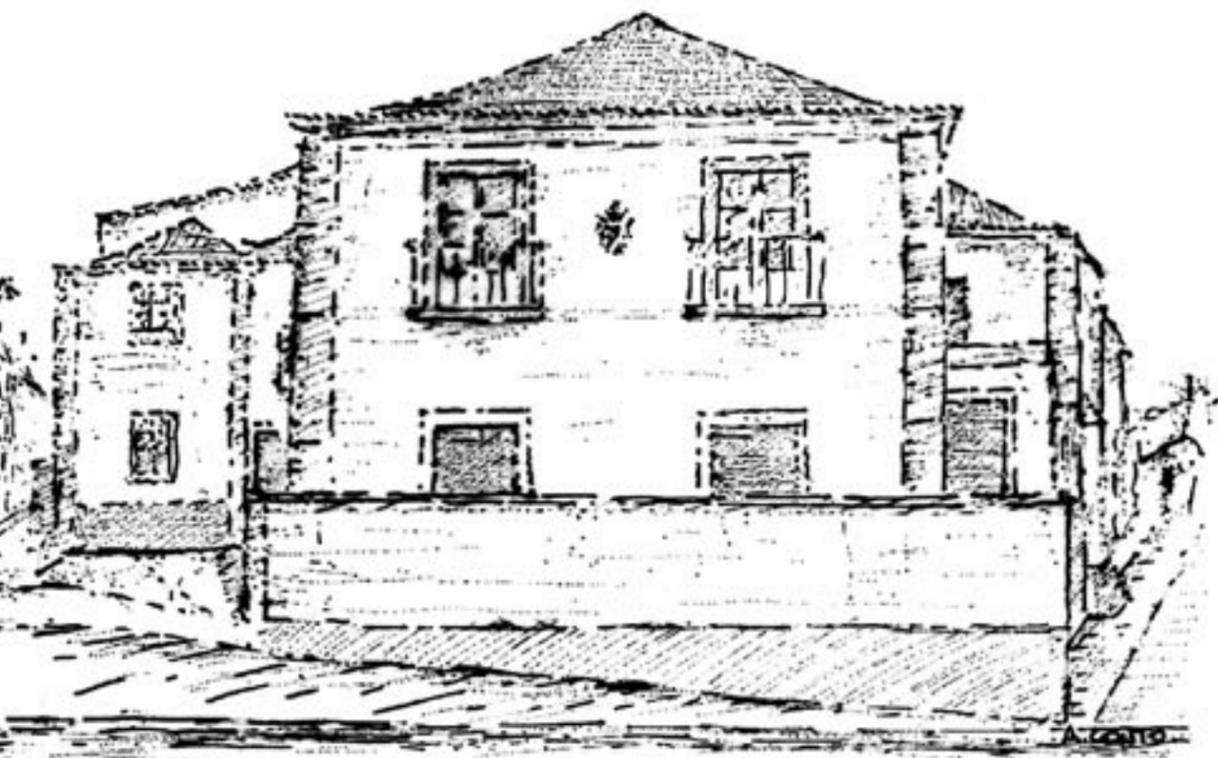
texto de Julião Melo  
ilustrações de Carlos Milhais e de Augusto Couto

O *genius loci* (que se poderá traduzir como “espírito do lugar”) explicita a sensação impressiva que certos espaços oferecem a quem os desfruta, sensação que parece reforçar-se com a relação de amor e/ou admiração daqueles que cativa, nomeadamente, com a ressonância, que neles induz, ao longo do tempo, em vivências e memórias. É por isso um bom pretexto, pela sua relação com a identidade territorial (traço forte no Concelho de Oeiras), para vos contar o que se segue, mas confesso-vos que a carga mágica, que irradia, foi a grande razão de partilhar esta história com quem gosta de Oeiras e, reparem, gostar já é misterioso.

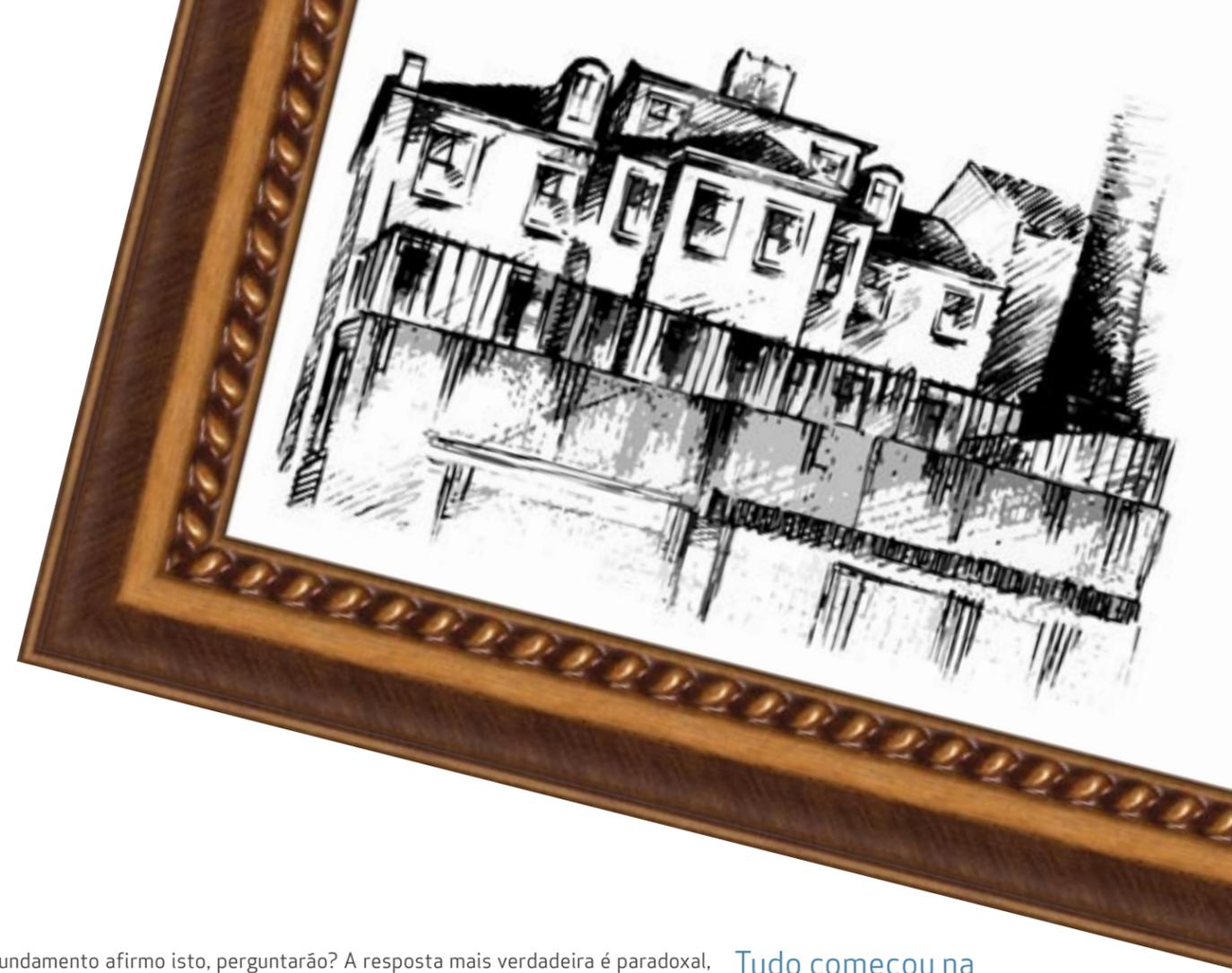
Era uma vez..., ou melhor, tudo começou na decisão que, com grande relutância, tomei de abordar sinteticamente a trajectória económica do Concelho de Oeiras ao longo da sua História, isto, porque me sentia demasiado pequeno para falar de um território com um tão destacado e longo protagonismo.<sup>1</sup>

Mas, até pela estranha lógica daquilo que agora começo a narrar-vos, a verdade é que esse escrito é, de todos os que produzi, aquele de que mais gosto, o que sendo inesperado é assaz curioso.

Esta foi pois a porta de acesso a um conjunto de coincidências, assaz particulares, que comecei a descobrir, na fase de pesquisa bibliográfica que precedeu a escrita desse trabalho. Aí conheci um tal Bento José de Freitas Guimarães, para Miranda pertencente a uma primeira geração de capitães da indústria que pôs Oeiras no mapa com produtos de elevada qualidade e fama, neste caso com curtumes da sua fábrica de Paço de Arcos, mas que foi também Presidente da Câmara de Oeiras e, estranho acaso, pressuposto trisavô de quem escreve, pelo lado da sua mãe.



<sup>1</sup> Sublinho aí o apoio de três grandes estudiosos do Concelho, Jorge Miranda, Joaquim Boiça e Rodrigues Dias porque enriqueceu, com conhecimento e sugestões, o respectivo conteúdo.



Com que fundamento afirmo isto, perguntarão? A resposta mais verdadeira é paradoxal, *por nada ou por tudo*, assim chegando ao que aqui vos conto, narrativa estranha onde a realidade ultrapassa a fantasia, neste palco da vida onde, por condição, defrontamos todos (por instinto de sobrevivência?) um enigma central: donde vimos e para onde vamos. Quando disse *por nada* é porque os indícios que me levaram à “certeza subjectiva” de se tratar do meu trisavô, são frágeis, mas quando acrescentei, ou *por tudo*, foi porque, se não se tratar só de acaso, então, esses indícios tornam-se demasiado fortes... Deixemos por agora este personagem do século XIX e partamos rumo ao presente em demanda dos poucos factos que conheço:

Nasci e vivi em Gaia, até à idade de 8 anos, com o meu avô Julião - um impressionante *pater familiae* - num grande palacete rodeado de jardins. Era aí, no no 325 - que, com o palacete gémeo do Dr. Meneres, formava o primeiro quarteirão, a partir do rio, da Avenida Marechal Carmona, no lado do Mosteiro da Serra do Pilar - que viviam também, com as respectivas famílias, os seus dois filhos casados, o tio Artur e a minha mãe, Luíza Amélia. Este meu avô - Julião da Cunha Freitas Guimarães - herdou dos seus antecessores o *know-how* e o gosto dos curtumes. Braço direito do pai (que apresentarei já a seguir) na fábrica deste, após a sua morte, quis tornar-se autónomo, construindo a Fábrica de Curtumes das Pedras, também situada na mesma avenida, um pouco acima do edifício da Câmara Municipal, do lado oposto, num troço plano desta, com acesso por uma rua perpendicular de cerca de cem metros que desembocava no seu edifício principal. Esta foi a última e a maior de todas as fábricas deste conjunto de gerações familiares que se dedicaram aos curtumes. Permitam-se um parêntesis para a descrever, homenageando o empreendedorismo do meu avô e recordando os bons tempos que em miúdo aí vivi. Era um mundo mágico, fervilhante e ordenado, cheio de coisas e de acontecimentos fascinantes: os tanques de curtimenta; os tambores de madeira para amaciar as peles; a enorme caldeira a vapor; a serralharia com as suas máquinas movidas por veios, com um interessante sistema de transmissão por cintas;

Tudo começou na decisão que, com grande relutância, tomei de abordar sinteticamente a trajectória económica do Concelho de Oeiras ao longo da sua História, isto, porque me sentia demasiado pequeno para falar de um território com um tão destacado e longo protagonismo.

o conjunto de grandes máquinas que transformavam as peles já curtidas e secas em produto final; as enormes estufas de secagem; o sistema de transportes por vagonetas, que ligava por meio de carris os vários edifícios e áreas fabris; a garagem com as camionetas e as furgonetas.

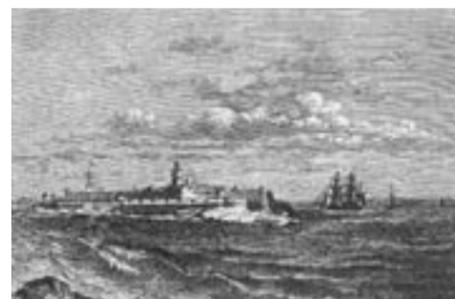
Por todo o lado, havia operários concentrados, silenciosos, com personalidade e com educação. Era um mundo sério, honrado, esforçado, onde patrões e operários “viviam” na fábrica e onde o passar dos anos, com frequência, transformava esta vivência em apreço mútuo e amizade. Muitas vezes eu ficava a ver aquele bailado de homens e máquinas marcado pelo barulho ritmado destas, esparsamente entrecortado por curtas falas deles. Ainda por cima este mundo tinha cheiros intensos e variados de que eu, com excepção de um dia ou outro, francamente gostava porque as técnicas de curtimenta eram ainda bastante naturais. Aquilo tudo para mim era quase uma cidade e era um fascínio...

Foi talvez a mais precoce compreensão, que tive, da escala das coisas e da sua forte ligação com as funções e os processos, pois a harmonia deste universo assentava numa escala que reforçava a sua unidade e a sua relação com o trabalho que aí se fazia.

- Retomando o fio à meada, havia nesta família uma tradição, cujas razões, até ao “encontro” com o meu trisavô, desconhecia, relativa aos nomes dos filhos: chamar às raparigas Luíza Amélia e aos rapazes Julião. A minha irmã mais velha, infelizmente já falecida, era portanto Luíza Amélia, como a nossa mãe e como, na geração antecedente, a irmã do meu avô e como a mãe de ambos, a minha bisavó. Na linhagem masculina, eu sou Julião como o meu avô e como o meu bisavô, o célebre “republicano”.

- Ora este “republicano”, que era pai do meu avô, como terão já provavelmente inferido, era “inevitavelmente” industrial e dono de outra fábrica de curtumes (seguramente descendente da de Paço de Arcos), em Valbom (Concelho de Gondomar), sendo, de acordo com as crónicas, senhor de uma personalidade fortíssima, de um certo mau feitio e de uma veia política pouco frequente no seu meio conservador, a de ser assumidamente republicano, razão pela qual não era referido pelo seu nome Julião mas antes por esta alcunha, com forte conotação.

Nessa época, era uma posição forte, tão forte que se conta que, numa fase mais aguçada da luta entre liberais e monárquicos, um grupo mais zeloso destes últimos esteve à beira de, desculpem-me a expressão, lhe “limpar o sebo”, desfecho evitado *in extremis* pelas notáveis capacidades diplomáticas da minha bisavó, que aproveitando o cavalheirismo de quem o comandava, conseguiu com boas palavras, complementadas com argumentos enológicos e gastronómicos, transformar um presumível linchamento numa lição de civismo e de tolerância.



Por mero acaso, acabou por sentar-se ao meu lado uma colega um pouco exuberante que a certa altura, se virou para mim e me perguntou, como te chamas? Respondi, Julião. E ela, o quê? Eu, de novo, Julião. Parecia ter dificuldade em aceitar o meu nome mas, após uma breve pausa de reflexão, concordou, pois, está bem..., Julião da Barra.

Mas voltemos de novo ao personagem central da história, Bento José de Freitas Guimarães, pai do nosso “republicano” e meu pressuposto trisavô, só para vos informar que, por mim, dispense confirmações pois, acreditem, acho a dúvida bem mais misteriosa. E em abono da minha “certeza subjectiva”, continuo esta crónica de coincidências com mais duas, não menos surpreendentes.

A primeira teve como palco o almoço de homenagem a um ilustre vereador, organizado aquando da sua cessação de funções em que estive presente. Por mero acaso, acabou por sentar-se ao meu lado uma colega um pouco exuberante que a certa altura, se virou para mim e me perguntou, como te chamas? Respondi, Julião. E ela, o quê? Eu, de novo, Julião. Parecia ter dificuldade em aceitar o meu nome mas, após uma breve pausa de reflexão, concordou, pois, está bem..., Julião da Barra. Eu, um pouco perplexo, apressei-me a concordar com ela.

Só mais tarde, à luz das estranhas coisas que vos estou a contar, percebi que se tratava de mais um “telex”, permitam-me a ironia, do meu trisavô. Eu explico-me, ele estava a dizer-me, através daquela pessoa, que não conhecia mas nunca mais esquecerei, que eu, de facto, era Julião pelo lado do Santo Padroeiro do Concelho e isto porque ele gostaria com certeza de curtumes mas gostava, acima de tudo, de Oeiras.

Mas nem tudo foi fácil para este homem decerto vindo do Norte - os Guimarães são do Norte - e que em Oeiras vivera, trabalhara, presidira à Câmara Municipal mas acima de tudo





fora feliz. Na verdade, a sua fábrica, segundo Miranda, inaugurada em 1842 - apesar da persistência produtiva do seu local de implantação, onde anteriormente existiria uma fundição e, hoje, ainda se faz pão - debateu-se com problemas importantes, como uma grande escassez de água, factor de produção chave nos curtumes, um escoamento deficiente de efluentes e uma localização, já então, demasiado urbana. Por tudo isso o meu trisavô acabou por abrir falência, tendo a fábrica sido vendida em hasta pública, em 1850.

Este conjunto de dificuldades terá estado na base de um regresso, não desejado, de Bento José, à sua região natal, onde terá fundado uma nova fábrica de curtumes que, ou era já a de Valbom ou outra que a antecedeu, porém, neste regresso, o amor por Oeiras acompanhou-o - o verdadeiro amor é sempre mais forte longe do objecto amado - e esta lealdade obrigou-o a imprimir na família uma marca deste sentimento - a tradição dos Juliões - em que o meu nome se insere (de facto, sou da Julião da Barra!).

Porém, se estou a interpretar bem os “telexes” do meu trisavô, o nome era também um sinal para que eu percebesse que aquilo que sinto hoje - uma partilha do seu enorme afecto a Oeiras e, de modo especial, a Paço de Arcos, onde ele viveu e eu curiosamente acabei por vir morar, terra que a ambos enfeitou com a luz prodigiosa da sua baía (que parece ter escolhido como “ponto de confluência” a fachada da frente da sua fábrica) - é uma herança sua, muito pessoal. Este encontro inesperado teve e tem para mim uma carga afectiva forte e genuína.

A segunda coincidência deu-se no dia 25 de Abril quando resolvi tomar café com uma amiga minha e escolhemos naturalmente Paço de Arcos de que ambos gostamos muito. Dirigimo-nos à zona das esplanadas, para desfrutarmos do magnífico sol daquela tarde, mas, após várias tentativas goradas de encontrar um local acolhedor, senti-me “empurrado” por uma súbita lembrança e uma estranha vontade (mais um telex do meu trisavô), para tentar a Casa dos Cacetes, mesmo em frente da sua fábrica, que, como é óbvio, estava aberta.

Dir-lhes-ei apenas que a minha amiga ficou impressionada com esta história - que hoje vos estou a contar - exortando-me a passá-la ao papel e não será difícil adivinhar que a conversa foi saborosa nessa tarde e quase só falamos das tais coincidências.

Se esta crónica de família - uma história de amor com *Oeiras como tema* - tem algumnexo, algum significado de trajectória, de legado e de perenidade de sentimentos nobres pela terra onde se viveu, esse nexo consubstancia-se na ideia de que a vivência de um território tem um sentido profundo, de percepção difícil e misteriosa, que existe, se sente, mas raramente se dá a conhecer.

Quando, nas vossas deambulações se acharem em lugares que pareçam ter uma atmosfera especial - talvez um dia que resolvam tomar café na esplanada da Casa dos Cacetes e distraidamente olhem para a fachada principal de edifício em frente ou, então, na esplanada da Casa do Adro donde o interessante alçado tardo do mesmo edifício atrairá, por certo, a vossa atenção, fazendo-os reparar numa chaminé de fábrica que, daí, quase se não vê - talvez então se possam surpreender a pensar que os lugares têm espírito e são mais o que nos fazem sentir do que o que, neles, os nossos olhos vêem.

É deveras impressionante o jogo de acasos em que se inserem os acontecimentos aqui relatados, o que nos faz procurar um nexo: Terá, isto, algum significado? Será um sinal de “Deus a jogar aos dados”? Será a limitação humana que levou Shakespeare a dizer “há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia”? Trata-se apenas de acaso, de meras coincidências? Ora ilustres leitores, eu para isso não tenho respostas, mesmo que certas certidões - que não estou nada inclinado a pedir - venham a provar que o meu trisavô era de facto meu trisavô, apenas os posso acompanhar nestas interrogações, eu e “ele”.

Um amigo meu de tertúlia sentenciava sempre, com veemência, quando se chegava a “becos” deste tipo: “anda tudo à procura da rolha...”. Assim é e tudo indica que assim continuará a ser, o que me leva a parafrasear outro amigo que usava, quando defendia em público pontos mais polémicos, esta fórmula mágica: “será assim, ou não (e depois de uma pausa breve), como quiserem”.

Esta história antes de escrita foi partilhada e por isso reflecte, quer no texto, quer na ilustração, o contributo generoso de amigos e colegas que, tomando-a como sua, lhe deram mais afectividade, brilho e beleza mas também mais intimidade. Reconhecido e com o maior respeito pela sua ajuda discreta e “misteriosa” (será mais um telex?) não os nomeio, apenas lhes agradeço, um por um, com veemência. ■

Talvez então se possam surpreender a pensar que os lugares têm espírito e são mais o que nos fazem sentir do que o que, neles, os nossos olhos vêem.





## Oeiras é a minha casa.

O lema dá o mote para o Plano Estratégico Habitar Oeiras, apresentado pela Câmara Municipal em Novembro do ano passado e que prevê, ao longo dos próximos dez anos, a edificação/recuperação de 2.700 fogos, a intervenção em espaço público e a construção de equipamentos (educativos e sociais), num investimento que ascende aos 150 milhões de euros.

Dar resposta aos novos problemas e temáticas na área da habitação e da qualidade de vida, depois de concluído o processo de erradicação de barracas no concelho, é um dos principais objectivos do Plano Estratégico Habitar Oeiras.

Paralelamente, pretende criar as condições de desenvolvimento e fruição do activo mais precioso do território de Oeiras, as pessoas, através uma política consistente e integrada de melhoria da qualidade de vida.

O Plano Estratégico Habitar Oeiras consubstancia, para a Autarquia, uma política integrada de habitação de segunda geração, pensada para satisfazer novas necessidades e realidades emergentes, depois de se ter completado a política de primeira geração, assente na erradicação das barracas.

Este plano terá um horizonte de longo prazo e será executado ao longo dos próximos dez anos, tendo início em 2007, com a implementação de projectos-piloto.

### OITO VECTORES DE DESENVOLVIMENTO

Visando um largo espectro de destinatários, concede particular atenção aos mais carenciados, ao promover o equilíbrio e a integração social, mas também actuará ao nível da melhoria da qualidade de vida, através da correcção de assimetrias de desenvolvimento, carências de espaços públicos, equipamentos educativos e culturais, apoio às comunidades mais idosas e rejuvenescimento de áreas críticas, nomeadamente os núcleos históricos.

A Câmara Municipal pretende, por outro lado, criar condições para fixar a população que já habita no concelho e, ao mesmo tempo, atrair novos moradores, rejuvenescendo a estrutura demográfica e tentando fixar parte da população da Área Metropolitana de Lisboa que trabalha em Oeiras.

As zonas e os bairros mais degradados e com maiores carências a nível da reabilitação, dos espaços públicos e dos equipamentos educativos, sociais e culturais serão alvos prioritários de intervenção, no âmbito deste plano estratégico.

Neste contexto, o plano será desenvolvido com base em oito vectores ou programas principais, a saber, manutenção e requalificação dos bairros sociais de 1.ª geração, promoção de habitação para munícipes carenciados, para jovens (a custos controlados), e para idosos e isolados, participação integrada em programas alargados de reabilitação urbana, requalificação de zonas de habitação privada ("dormitórios"), criação de residências para universitários, professores, investigadores e profissionais e, ainda, implementação de programas de eficiência energética e sustentabilidade ambiental.

O desenvolvimento de qualquer um destes vectores obriga à mobilização de recursos específicos, de acordo com a natureza de cada um, mas que de modo geral se podem identificar como recursos de localização (terrenos para construção, edifícios a reabilitar e reutilizar), recursos de promoção (financeiros, promotores para parcerias) e recursos de realização (organizacionais, técnicos, logísticos).

### POLÍTICA EDUCATIVA COMO PARTE DO PLANO

Os 2.700 fogos a edificar ao longo da próxima década incluem habitação para munícipes carenciados/transição (600), promoção de habitação para jovens (1.200), habitação integrada para idosos e isolados (600), residências para universitários e profissionais (250) e necessidades especiais (cidadãos portadores de deficiência) (300).

O conceito de integração da promoção de equipamentos prioritários nos vectores de actuação da política de habitação inclui os domínios da educação, dos equipamentos sociais, das acessibilidades, mobilidade, espaço público e dos equipamentos comunitários e de lazer.

A integração dos equipamentos e da política de educação nos programas do Plano Estratégico Habitar Oeiras contribui para ultrapassar ou pelo menos esbater as insuficiências da política social anterior, preocupada exclusivamente com a habitação. Por outro lado, também os centros de saú-







## “QUEREMOS LIDERAR O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO TAGUSPARK”

Guilherme Arroz, Director-adjunto para o pólo do IST no Taguspark

*A criação de um pólo do Instituto Superior Técnico (IST) no Taguspark surge da convergência de vontades de duas instituições. Por um lado, o próprio Instituto Superior Técnico, interessado em “colocar a escola no meio dos processos de produção de riqueza, de inovação e de interacção com o tecido económico”. Por outro, a Câmara Municipal de Oeiras, apostada em “transformar Oeiras num concelho com a relevância que lhe é hoje reconhecida”.*

texto de Sónia Correia  
fotos de Carmo Montanha

Conhecedor do processo que culminou com a instalação do Técnico no Taguspark – resultado de um acompanhamento de todas as fases do mesmo – Guilherme Arroz, director-adjunto para este pólo desde o ano lectivo de 2002-2003, recorda que a ideia de criação de um parque empresarial com as características do Taguspark teve a sua génese, ela própria, no IST.

“A ideia nasceu no Instituto Superior Técnico e foi depois agarrada – e bem agarrada – pela Câmara de Oeiras”, lembra Guilherme Arroz.

Recuamos, por isso, cerca de 20 anos no tempo, até ao momento em que o IST “sentiu a necessidade de estar presente num parque de ciência e tecnologia”.

A necessidade surge da constatação de que seria importante, para o País, apostar definitivamente no desenvolvimento tecnológico, algo que dependia, em grande medida, da criação de condições facilitadoras do aparecimento de novas empresas do sector.

De outro extremo surge a Câmara Municipal de Oeiras, visivelmente “interessada em transformar Oeiras de um concelho dormitório num concelho com a relevância que lhe é hoje reconhecida”.

“É como se costuma dizer – aponta Guilherme Arroz – juntou-se a fome à vontade de comer!”.

Pode, por isso, afirmar-se sem margem para grandes erros que a criação do Taguspark

resulta de uma convergência de estratégias, à qual se somou “alguma pressão, exercida por ambas as partes, junto do Governo”.

Fácil será assim entender que era, desde o início, intenção do Instituto Superior Técnico instalar-se com um pólo de ensino no Taguspark, funcionando, desse modo, como ‘a’ universidade do parque.

Constrangimentos de ordem financeira adiaram a concretização do projecto até 1999, ano que se iniciou a construção do primeiro (e até agora único) edifício do IST no Taguspark.

“O edifício tem vindo a ser construído, literalmente, às ‘fatias’. Neste momento temos quatro ‘fatias’ construídas e a quinta em construção”, o chamado bloco E, este

*Condições de trabalho que incluem “laboratórios abertos 24 horas por dia, 365 dias por ano” e o facto de estar inserido num parque tecnológico, “rodeado de uma centena e meia de empresas”, são os trunfos do Taguspark.*

totalmente financiado por verbas próprias – incluindo as propinas dos alunos – graças à participação empenhada tanto dos estudantes do Técnico como dos seus órgãos de gestão como dos próprios docentes, conforme assinala Guilherme Arroz.

Trata-se do primeiro de cinco edifícios projectados.

A primeira licenciatura ‘arrancou’ no ano lectivo de 2000-2001, com 88 alunos. Hoje são 1300, distribuídos por quatro licenciaturas. Licenciaturas que não são, afinal, licenciaturas. Em resultado das modificações impostas pelo processo de Bolonha, as ‘antigas’ licenciaturas converteram-se numa sequência de dois ciclos de estudo – uma nova licenciatura em Ciências da Engenharia (três anos de formação básica) e um mestrado (dois anos de formação específica) – que do ponto de vista do exercício profissional têm o mesmo reconhecimento das antigas licenciaturas. Engenharia Informática, a mais antiga, que também funciona no pólo do IST na Alameda, Redes de Comunicações, Engenharia Electrónica e Engenharia de Gestão Industrial, estas últimas ‘exclusivas’ do Taguspark, são as quatro linhas de ensino disponíveis.

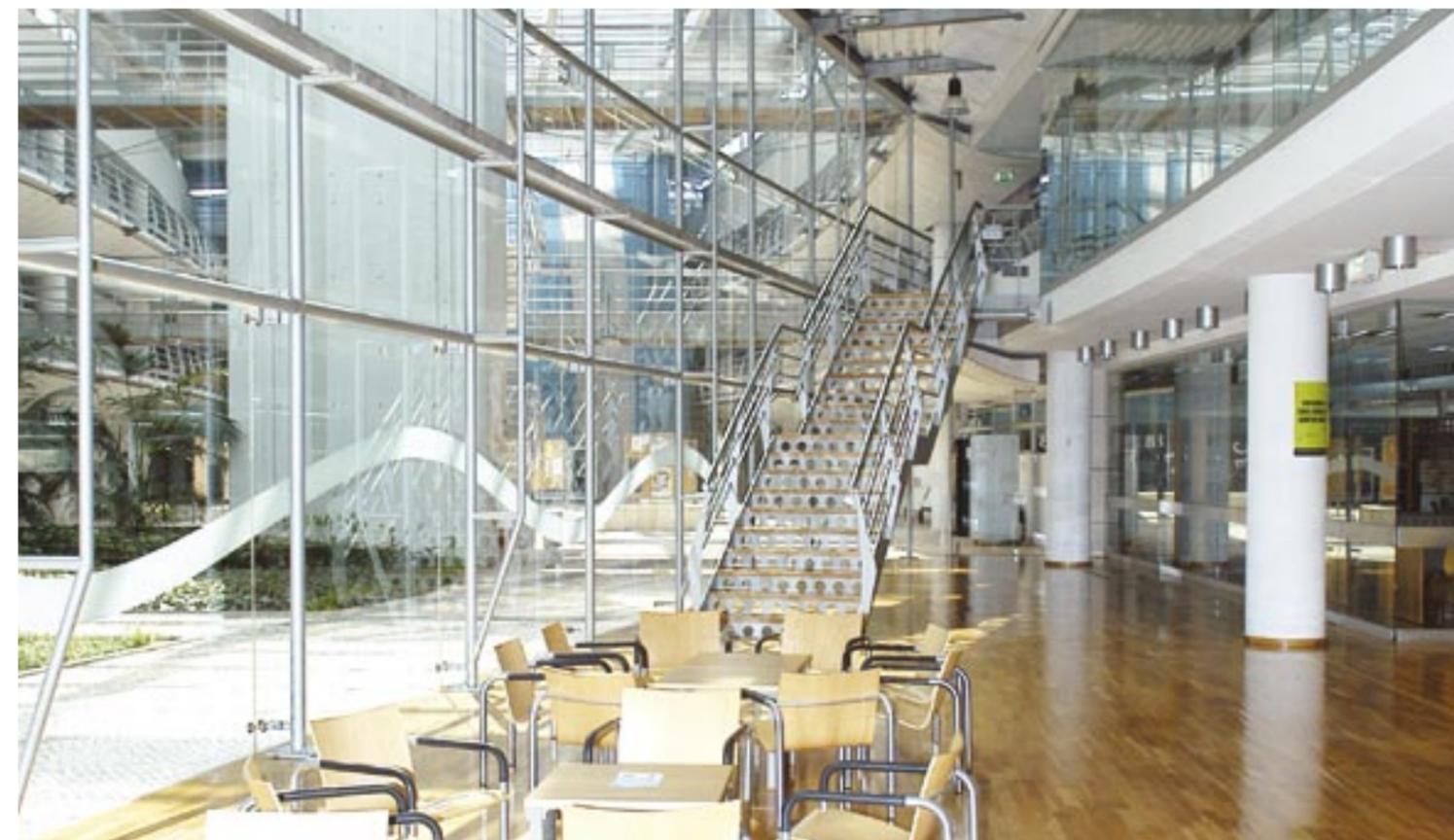
Os pólos do centro de Lisboa e do Taguspark são, como aponta Guilherme Arroz, pólos com características bem distintas.

A excelente rede de transportes e a intensa actividade cultural da capital jogam a favor da Alameda. Condições de trabalho que incluem “laboratórios abertos 24 horas por dia, 365 dias por ano” e o facto de estar inserido num parque tecnológico, “rodeado de uma centena e meia de empresas”, são os trunfos do Taguspark.

“A nossa intenção, ao instalarmo-nos no Taguspark, era colocar a escola no meio dos processos de produção de riqueza, de inovação e de interacção com o tecido económico. Aqui conseguimos fazê-lo”, sublinha Guilherme Arroz.

O “problema de transportes”, tal como o identifica Guilherme Arroz, carece, na sua opinião, de resolução urgente. “No futuro o Taguspark terá, forçosamente, de ser integrado na rede de transportes da Área Metropolitana de Lisboa. Penso que se trata de uma questão vital para a prossecução da estratégia de desenvolvimento do concelho à qual o presidente da Câmara está atento”. Beneficiar os estudantes com um ambiente circundante muito favorável à inovação é algo que o pólo do IST no Taguspark tem conseguido fazer... depois de “três anos a partir pedra”, tal como descreve Guilherme Arroz.

“Em Portugal, ao contrário do que acontece noutros países, ainda se verifica este divór-



cio entre a universidade e o meio empresarial. Existe, habitualmente, uma grande desconfiança por parte das empresas em relação às universidades, do mesmo modo que há alguma desconfiança das universidades em relação às empresas. Foi por isso que sentimos a necessidade de... pegar na picareta!”, graceja.

Ao cabo de três anos, “as coisas começaram a melhorar”, ao ponto de actualmente “termos óptimas relações com muitas empresas, estejam elas no Taguspark, no Lagoas Parque, na Quinta da Fonte ou em Miraflores”.

“Não foi fácil, inicialmente, até que houve algumas empresas que, ou por desistirem de resistir, ou porque ouviram os argumentos que lhes apresentámos, começaram a aceitar estagiários. E isso teve um efeito de bola de neve”, recorda Guilherme Arroz.

Aquele responsável reconhece que, para uma empresa, acolher um estagiário não apresenta uma rendibilidade imediata. Mas acrescenta que pessoas novas, “com as cabeças fresquinhas”, podem constituir, para as empresas, mais-valias não perceptíveis no imediato.

Até porque, no Técnico, “temos tido a preocupação de dar aos nossos estudantes formação complementar a nível de competências pessoais – iniciativa, capacidade de organização, trabalho em grupo, entre outras”.

O investimento no estímulo à inovação e ao empreendedorismo já apresenta resultados – “existem antigos alunos integrados em empresas no Taguspark. Existem empresas no Taguspark criadas por antigos alunos nossos”.

Contudo, Guilherme Arroz acredita que a aposta só poderá ser considerada “completamente ganha” daqui a “alguns anos, quando o Técnico puder ser considerado como um dos principais factores de desenvolvimento do Taguspark”, algo que ainda não é verdade hoje.

O futuro, e o desenvolvimento do Técnico no Taguspark no futuro, passa, na opinião daquele responsável, pela biotecnologia. Engenharias biológica, biomédica, biotecnológica e biomolecular, ligadas à “capacidade de fazer engenharia com a vida” – é por aí que passa o futuro.

A intenção de criar, em Oeiras, um cluster nas áreas da saúde e da biotecnologia, claramente vocacionado para a capacidade de interacção entre a investigação médica e a prática clínica, é, para Guilherme Arroz, de-



*Conseguir completar o campus universitário é o grande desafio que se coloca ao pólo do Tagusprk para o futuro. Guilherme Arroz assume não estar “optimista em relação a isto, do ponto de vista do financiamento”*

terminante. Sobretudo considerando o facto de ao Instituto Gulbenkian de Ciência, ao Instituto de Tecnologia Química e Biológica e à Estação Agronómica Nacional poderem vir a somar-se outras instituições e empresas ligadas às biotecnologias e às ciências da saúde. Na opinião daquele responsável “é aí, dentro do processo da saúde, que a engenharia vai mexer a seguir. Existe, no Técnico, um núcleo de profissionais muito competentes nesta área, que estão actualmente no pólo da Alameda mas que encaram, claramente, a hipótese de vir para o Taguspark”. “O Instituto Superior Técnico está a fazer um enorme esforço financeiro para construir o quinto módulo do edifício principal do pólo do Taguspark e não tem condições para avançar para os outros dois”.

Um centro de informática, uma biblioteca, um anfiteatro para acolher congressos de média dimensão, instalações desportivas e uma cantina são equipamentos que Guilher-

me Arroz considera vitais para o desenvolvimento do pólo do Taguspark, “se quisermos continuar a crescer em número de alunos”. Na sua opinião, isso é importante porque “Portugal não se vai desenvolver se não aumentar o número de engenheiros que tem”. A próxima meta consiste na edificação de uma residência universitária, que será uma realidade “graças à colaboração e à boa vontade da reitoria da Universidade Técnica, da Sociedade Taguspark e de outras entidades com as quais estamos a trabalhar” e que vai permitir “atrair estudantes de fora de Lisboa”. Conseguir completar o campus universitário é o grande desafio que se coloca ao pólo do Tagusprk para o futuro. Guilherme Arroz assume não estar “optimista em relação a isto, do ponto de vista do financiamento”. Contudo, “quando conseguirmos, estaremos em muito boas condições para liderar aqui um processo de desenvolvimento, em conjunto com a Sociedade Taguspark”. ■



# AS GEMINAÇÕES

## para além de uma simples assinatura

*Lidimi giwumbelo nya lifumbu nya vathu, ni tumbunuko wawe. A gu bani nari lisine gu pwani: "la gufa lidimi nya gukari, gu fude lifumbu nya vathu", hi ngu dzi kodza gambe gukhetu há gu wusa lidimi nya gukari, há gu phasa lifumbu nya vathu gu simama va vbanya.*

texto de Carla Rocha  
ilustração de Malangatana

Não, não é engano nem erro de paginação. Começamos este artigo em Gitonga, uma das línguas dominantes na região de Inhambane, Moçambique, com quem Oeiras está geminada desde Junho de 1999.

Vamos recomeçar em português:

Uma língua é o suporte de um povo, da sua identidade. Se é verdade que «quando morre uma língua, morre um povo», também podemos afirmar que quando alimentamos um idioma, contribuímos para a continuidade de uma população.

Quando a Câmara Municipal de Oeiras entendeu financiar a elaboração de um dicionário de Português-Gitonga/Gitonga-Português quis, com este gesto, estreitar, ainda mais as relações existentes entre os dois municípios. A cooperação, bilateral, levada a cabo entre Oeiras e Inhambane, tem na Educação uma atenção prioritária.

A língua é, porventura, o elemento cultural que melhor pode traduzir o espírito da lusofonia. E divulgar e alimentar o uso do português não impede que, no respeito que tem pela culturalidade, respeite e até divulgue os dialectos locais. Para levar a cabo a obra que brevemente será lançada em Inhambane, foi fundamental a colaboração do

escritor Moçambicano Mia Couto, autor da ideia, e dos linguistas Frei Amaral Bernardo, Sara Jona e Eugénio Filipe Nhacota, sem esquecermos o mestre Malangatana que contribuiu com a sua capacidade artística.

Um dicionário mais do que um meio de trabalho, de aperfeiçoamento, de estudo é, também, um fantástico meio de divulgação de ambas as línguas. Como Mia Couto afirmou: "Se se pretende apoiar a popularização do idioma português em Moçambique há que, em simultâneo, defender as línguas moçambicanas de raiz bantu. Trata-se de criar pontos de apoio recíproco entre rios que flúem na mesma direcção".

### A POLITICA DE GEMINAÇÕES NO CONCELHO DE OEIRAS

Para a câmara municipal de Oeiras é muito importante o estabelecimento de relações profundas com as suas congéneres e como tal tem vindo a desenvolver as suas relações intermunicipais. É nas geminações que Oeiras encontra o seu instrumento privilegiado de acção. No plano internacional a Câmara Municipal de Oeiras tem a motiva-la a existência de comunidades residentes no concelho, com origem em países de expressão

portuguesa, mas também a preocupação de abranger países em que exista uma comunidade de origem portuguesa representativa. A geminação com Inhambane, Moçambique, encaixa-se no primeiro motivo. Oeiras possui uma comunidade de origem Moçambicana que lhe interessa entender e respeitar. Como já referimos, a intervenção da autarquia com o município de Inhambane é, acima de tudo, Educacional. Desde Maio de 1999, altura da assinatura do acordo de geminação. Oeiras já atribuiu mais de uma dezena de bolsas de estudos, bem como tem preocupação em oferecer material escolar para os mais necessitados. E é na continuação desta política educacional que o dicionário faz todo o sentido. E se o português pode ser falado em Inhambane, também o Gitonga pode ter expressão em alguns cantos do nosso município. É a musicalidade da diversidade cultural! E acabamos como começamos, em Gitonga, mas desta vez com uma singela palavra que quer dizer: «Respeito», neste caso respeito pela diversidade cultural. Githawo!

*Nota: um grande e sentido agradecimento ao Frei Amaral Bernardo pela tradução, tão prontamente, da introdução para Gitonga, não obstante de estar tão longe.*





# SUBESPAÇOS de lugar nenhum

texto e foto de de Arq. Luis Maria Baptista

Há muitos tipos de espaço(s).

Espaços naturais e construídos. Orgânicos e geométricos. De boa e má arquitectura. Com sentido e sem sentido(s). Habitados e onde não vive ninguém. Que nos fazem felizes. Que guardam boas e más recordações. Espaços onde sentimos medo. Que nos assustam. Onde sentimos um medo terrível de passar e permanecer. Espaços iluminados e onde não entra luz. Espaços de aparecer e de desaparecer: de separação, ligação, transição e passagem.

Espaços onde nos sentimos seguros. Espaços fortes e fracos. Ricos e pobres. Novos e velhos. Sujos e limpos. Perfumados e com mau odor. Quentes e frios. Com gosto e sem sabor. Com e sem som. Tangíveis e de afagar. Espaços tranquilos e agitados.

Espaços belos e feios. Espaços admiráveis! (I)limitados. De todos os tamanhos, formatos e conteúdos. Visíveis e invisíveis. Secretos e ocultos. Contínuos e descontínuos. Espaços longe e espaços perto. De caminhar e correr. De passar e ficar. De entrar e sair. De dentro e de fora. Espaços aéreos e subterrâneos. Transparentes e opacos. Líquidos e sólidos. Esbeltos e sem proporção. Largos e estreitos. Altos e baixos. Grandes e pequenos. Espaços de contraste e miméticos. Espaços nús.

Espaços (de colecção que já vêm) com pessoas lá dentro e espaços com pessoas em si, na sua constituição material. Espaços de corpo humano. De homens e mulheres. Vivos e mortos. Toscos e sensíveis. Íntimos e públicos.

Espaços de espera e de recepção. De estratégia e exposição. De luta e de trocas. De prazer e sofrimento. De terra e carne. De pele e pêlos. Músculos, ossos e sexos.

Espaços úteis e inúteis. Cheios e vazios. Preciosos e mágicos. Imaginários e contingentes. Espaços de devaneio e de brincar. De oração e trabalho. De representação e poder. De desejo e simulacro. De controlo e violência. Espaços onde algumas pessoas não podem entrar e de onde algumas pessoas não podem sair. Espaços de arquivo. Abandonados, descuidados, esquecidos, desabitados e desactivados. Espaços de esquecer e de exercitamento da memória. Espaços em ruínas e em construção. Laterais ao corpo e à vida. Reais e a-reais. Espaços para a imaginação sensorial. Espaços à espera de aparecer. Espaços que já não existem. Espaços imensos dentro de espaços reducidos. Espaços debaixo de espaços.

(Há muitos tipos de espaços.) Tantos quantos os estados humanos do nosso corpo forem capazes de nomear. Tantos quantos o corpo de

cada um for capaz de fazer aparecer, com o principal objectivo de satisfazer as necessidades e os tipos de abrigo solicitados pela multiplicidade de corpos que o integram.

Há um espaço para cada corpo dos muitos que somos, formamos e guardamos ao longo da vida.

O aparecimento de novos espaços no espaço físico da realidade, depende não só da situação social, económica e cultural em que nos encontramos, mas principalmente dos níveis de intensidade perceptual e do medo em que vivemos.

A cada espaço, mais especificamente a cada uma das suas qualidades, corresponde um determinado corpo ou grupo humano resultante do conjunto de acções potenciadas pelas características e pelo estado de vivência ou de abandono em que o espaço se encontra.

O espaço, é responsável pelo aparecimento de novos seres humanos e consequentemente por novas formas de vida e de ocupação.

O espaço é formador da identidade de cada ser humano, dos sonhos e dos projectos, das acções e dos sentimentos. Os espaços por onde passamos tornam-nos naquilo que somos.

A arquitectura é a resposta humana mais imediata e próxima da multiplicidade complexa de necessidades do corpo humano, cuja espessura material é constituída por camadas múltiplas de outros corpos à semelhança de uma matryoska russa.

O que diferencia a arquitectura das outras artes é o facto de ela ter um programa específico associado a funções concretas, reais ou imaginárias do corpo humano.

Por termos necessidade de protecção enquanto sonhamos, criámos o espaço da casa; por termos necessidade de alterar os estados de vida em que nos encontramos criámos teatros e cinemas; por termos necessidade de superar o corpo inventamos a religião e o desporto, consequentemente criámos catedrais e estádios. Da nossa predisposição para a guerra ergueram-se, muralhas, fortes e castelos. Da vocação humana para o amor criámos alcovas e prostíbulos. Da necessidade de trocar bens e ideias, nasceram cidades. Estabelecemos ligações, criamos continuidade e fizemos entrar em contacto espaços separados através da construção de pontes e túneis.

#### ESTADOS REAIS E IMAGINÁRIOS DAS PONTES E DOS TÚNEIS DA CRUZ QUEBRADA

Aos espaços de ligação do nosso concelho, situados no intervalo criado entre a terra e o mar, pelo aparecimento da linha férrea, da estrada marginal ou pela existência de alguma linha de água, agradeço a qualidade das aventuras sensoriais que me proporcionam de cada vez que me aventuro neles.

Construídos em épocas tão diversas, podemos encontrá-los ao longo de toda a linha marginal entre Algés e Oeiras.

No entanto é no variado conjunto deste tipo de espaços em redor da estação da Cruz Quebrada, situada na margem direita da ribeira do Jamor, que podemos encontrar algumas das possibilidades mais interessantes de passagem e de contemplação deste lugar, constituído pela velha ponte filipina mandada construir em 1606 por Frei Rodrigo de Deus, pela ponte resultante da construção da estrada marginal em 1940, pela ponte ferroviária da linha Cascais, inaugurada em 1889 e ainda por dois túneis um a nascente, que passa por debaixo da marginal e outro a poente de enquadramento da paisagem, de acesso à praia e ao percurso marítimo da Gibalta, com o comboio a passar por cima.

A riqueza patrimonial deste variado conjunto de espaços constituído por 3 pontes e 2 túneis não reside no valor arquitectónico do conjunto ou na qualidade arquitectónica de algum deles em particular, mas no facto de se constituir in loco, como uma espécie de máquina do tempo e dos sentidos que permite a quem os percorre, viajar pelos diferentes tempos históricos dos fluxos e movimentos do concelho.

Em conjunto formam um belo objecto de análise, verificação e reconstituição cronológica dos principais tipos de movimento deste lugar.

Estamos perante um espaço que é uma síntese histórica do nosso concelho, do ponto de vista

*A riqueza patrimonial deste variado conjunto de espaços constituído por 3 pontes e 2 túneis não reside no valor arquitectónico do conjunto ou na qualidade arquitectónica de algum deles em particular, mas no facto de se constituir in loco, como uma espécie de máquina do tempo e dos sentidos que permite a quem os percorre, viajar pelos diferentes tempos históricos dos fluxos e movimentos do concelho.*



da história do movimento. Prolongada e reiterada intensamente se pensarmos no complexo desportivo do Jamor e na faculdade de motricidade humana existentes nas imediações.

A intensidade perceptual e temporal da viagem só é dada a conhecer a quem se atreve todos os dias a atravessá-los: a passar debaixo deles e a entrar neles. São espaços de exercitamento da memória e dos sentidos que podemos povoar com todos as imagens dos nossos sonhos e dos nossos medos.

São espaços debaixo de espaços. São espaços dentro de espaços. São subespaços de lugar nenhum!

Onde todos ou quase todos passamos rapidamente, querendo afastarmo-nos deles o mais depressa possível. Com medo de qualquer movimento ou ruído desconhecido. Com medo de quem se cruza connosco neles. Com medo de quem permanece alí, solidificado, camuflado, fundido a fazer parte do próprio espaço e que podemos ver se estivermos atentos e aí nos detivermos.

Porém são espaços terrivelmente belos. São espaços que nos permitem olhar os espaços da rotina, de outro ponto de vista. Debaixo para cima e de cima para baixo. São espaços de olhar os comboios a passar! De no seu interior sentir a vibração dos movimentos que suportam. De simplesmente ver os promenores que constroem e os fragmentos de paisagem que enquadram e recortam, ainda que por acaso mas à espera do sentido estético que lhe consigamos imprimir.



São espaços que nos permitem agravar os estados reais em que nos encontramos e medir a intensidade do medo que sentimos.

Quanto mais depressa nos deslocamos neles mais medo sentimos!

Se caminharmos em vez de correr, talvez deixemos de ter medo de olhar e ganhemos tempo a perceber. O medo é directamente proporcional à velocidade com que nos deslocamos, à ausência de beleza que o nosso corpo sente e à sua incapacidade de a produzir, ou simplesmente descobri-la naquilo que nos rodeia.

O medo e a insegurança são sinónimos de ausência de criação individual. São a nossa incapacidade de mudança, de transformação dos espaços que nos rodeiam.

Quem habita esses espaços, há muito que o sabe. Quem nos violenta nesses espaços atingiu de tal modo o paroxismo do medo que se deixa ficar por lá imóvel, à espera. Só a tentar parar-nos!

O medo é directamente proporcional à nossa incapacidade de produzir beleza.

A imobilidade é o silêncio do movimento. Devia ser ausência de medo. O medo é excesso de movimento. O limite extremo da velocidade é a imobilidade. O medo, a velocidade e a beleza são indissociáveis.

Há muita beleza à espera de aparecer nos subespaços do nosso concelho. Espaços que ainda nos legitimam o medo, onde devemos acelerar o passo para chegar intactos aos espaços onde nos movimentamos ainda mais depressa sem dar por isso.

Detenhamo-nos um pouco neles. Percebamos os níveis de realidade que constroem, os fragmentos perceptuais que encerram, e os pontos de vista que permitem sobre a realidade de cada um. Queremo-los mais seguros, limpos e iluminados. Não só por causa da fragilidade do nosso corpo mas principalmente por causa da intensidade e da qualidade da experiência que podemos apreender (d)áí.

Enquanto não aparecerem todos construídos efectivamente, não forem pensados, mantidos e tratados mais assiduamente, não podemos deixar de passar neles. Mesmo a medo imaginemo-los. Projectemos neles atmosferas de fundo mar, semelhantes àquelas que na nossa infância experienciávamos nos pequenos óculos-janelas do corredor preto do Aquário Vasco da Gama, próximo, magicamente povoado de cores e movimentos. Projectemos neles possibilidades de imagens futuras, com o principal objectivo de dar continuidade a este museu labiríntico do tempo e do movimento a céu aberto.

Estamos todos a tratar disso. Assim o desejamos. ■





## (AINDA) MELHOR (TAMBÉM) É POSSÍVEL

Chipidea Microelectrónica S.A.

*O que é que se pergunta ao mentor de um projecto que deu origem a uma empresa de **base tecnológica portuguesa** recentemente adquirida por uma companhia norte-americana cotada no **Nasdaq**?*

*Que pergunta se faz a que não tenha já respondido, em alguma das muitas entrevistas concedidas ao longo dos anos?*

*“Consegue saber o nome de todos os seus colaboradores?”*

*Sim, pode ser um **bom começo** para uma conversa.*

texto de Sónia Correia  
fotos de Carlos Santos

Na realidade, vamos partir do pressuposto de que se trata de uma conversa interrompida.

Interrompida há seis anos atrás, precisamente quando nos encontramos pela primeira vez, em circunstâncias semelhantes.

Não será todos os dias que surge a oportunidade de entrevistar pela segunda vez uma mesma pessoa.

Aconteceu com José Epifânio da Franca, presidente do conselho de administração da Chipidea Microelectrónica S.A., professor catedrático que em 1997 ajudou a fundar a empresa.

Dez anos volvidos, e seis sobre o nosso primeiro encontro, Epifânio da Franca circula com total à vontade pelos corredores do edifício que actualmente alberga a sede da empresa e é num tom de grande

informalidade que se dirige aos colaboradores com que nos cruzamos durante o percurso.

São sete da tarde de uma sexta-feira. Ainda há muitas pessoas a trabalhar. Jovens, na sua maioria homens. O anfitrião confirma, os homens estão em maioria.

“É normal, trabalhar-se até tão tarde... a uma sexta-feira?...”, interrogo. “Na Chipidea trabalha-se quase 24 horas por dia”, replica, com um sorriso.

Cumprimentou cada um dos funcionários – refere-se a eles como “os engenheiros” – tratando-os pelo primeiro nome.

Abordou-os de forma descomplexada e descontraída, gracejando por um ou outro motivo.

*A Chipidea pode, por isso, ser comparada a qualquer empresa do sector automóvel que “faz o desenho e define todos os componentes de um automóvel, limitando-se depois a entregar o projecto, um conjunto de planos, a uma fábrica que faz o resto”.*



“Este finge que trabalha, vê?” – lança, apontando na direcção de um jovem engenheiro – “não fez nada durante o dia, é por isso que ainda aqui está, a esta hora...”

Gargalhada geral, perante o comentário de um presidente do conselho de administração – “o professor”, como ouvimos tratá-lo – que acaba por distinguir-se dos “engenheiros”, sobretudo, pela indumentária, certamente mais clássica e formal que a da maioria.

#### DEZ ANOS DE CRESCIMENTO

A Chipidea era, aquando da primeira conversa que tivemos, a única empresa em Portugal a dedicar-se ao projecto de circuitos electrónicos, o denominado ‘chip’.

O panorama mantém-se.

Na Chipidea, computadores e ferramentas de software apropriadas são utilizados para conceber bases de dados de circuitos electrónicos, posteriormente transferidas para fábricas, que processam o material e devolvem o produto acabado.

O processo decorre, essencialmente, da mesma forma, desde a génese da empresa.

“A indústria de semi-condutores é hoje uma indústria muito desintegrada nos vários *layers* que compõem a cadeia de valor. A fabricação está cada vez mais é consolidada e existem cada vez menos empresas a fazê-lo no Mundo. Isto acontece porque a fabricação exige recursos financeiros avultadíssimos”, explica.

“Nós continuamos a desenvolver a nossa actividade na área da concepção do projecto”.

A Chipidea pode, por isso, ser comparada a qualquer empresa do sector automóvel que “faz o desenho e define todos os componentes de um automóvel, limitando-se depois a entregar o projecto, um conjunto de planos, a uma fábrica que faz o resto”.

Na realidade, e no essencial, a Chipidea mudou muito pouco.

Evoluiu. Cresceu. Muito. Isso é certo.

Em 2001 a empresa criou o seu primeiro centro fora do Taguspark, na cidade da Maia, a que se seguiram os primeiros no estrangeiro, respectivamente Polónia e Macau.

China, França e Noruega são os outros países onde a empresa tem representação, a par de uma equipa de vendas dispersa pelo Mundo – Estados Unidos, Europa, Israel, Coreia, Taiwan, China, Japão...

A decisão de criar centros *chip design* fora de Portugal não está relacionada, conforme nos explicou Epifânio da Franca, com a lógica de obediência às regras de mercado.

Na realidade, a intenção da Chipidea ao expandir-se para o estrangeiro foi “captar recursos humanos que não temos condições de captar em Portugal”.

Os custos inerentes – que não são de todo desprezáveis – “não se assumem por opção, assume-se por necessidade”.

A empresa emprega actualmente 340 pessoas, tendo multiplicado “pelo menos por seis” o número de 2001.

#### A CULTURA DA PERMANENTE INSATISFAÇÃO

Analisando a dimensão da empresa e os dados relativos à sua presença física no Mundo, então pode afirmar-se que a Chipidea mudou muito.

Contudo, há algo de intrínseco à empresa que tem logrado manter-se, ano após ano, inalterado.

Esse ‘algo’, que está “embebido no sangue e na alma da empresa”, chama-se inconformismo.

Ou a “insatisfação permanente” a que se refere Epifânio da Franca.

“Mantém-se. Mantém-se e eu considero que é muito importante, na vida e na cultura da empresa. É algo que, independentemente da dimensão da empresa e do número de colaboradores, tentaremos sempre fazer – incutir nas pessoas a ideia de que é sempre possível fazer mais, de que é sempre possível fazer melhor”, afiança.

“Vivemos num mundo onde a competição chega a ser realmente brutal. No dia em que perdermos esse espírito, desaparecemos do mapa”.

Analisadas a uma distância de seis anos, as declarações proferidas por Epifânio da Franca



no âmbito do tal primeiro encontro, da tal primeira entrevista, fazem de tal forma sentido que apetece registar a coerência do interlocutor.

Tinha dito, então, que se conseguisse inculcar nos seus colaboradores esta cultura de ambição, “a Chipidea não teria nada a temer, de ninguém, em qualquer parte do Mundo”.

Volvidas poucas semanas sobre a aquisição da Chipidea pela empresa norte-americana MIPS Technologies, cotada no Nasdaq, por uma verba superior a 100 milhões de euros, não haverá, àquele respeito, margem para qualquer dúvida.

“Hoje somos 340, amanhã podemos ser mil. Esse espírito, essa mentalidade tem de existir. Num mundo global e aberto, é a única coisa que nos garante que podemos sempre sobreviver. Acontece mais ou menos como numa corrida – se estivermos a correr e não formos olhando para trás, de repente alguém pode passar por nós e... nunca mais o agarramos. É tão simples como isso. No dia em que esse espírito se perder, a empresa corre o risco de ser ultrapassada e depois já não ter dinâmica, força e energia para se recolocar no pelotão da frente”.

A empresa, cujo volume de negócios ascende hoje aos 30 milhões de euros, orgulha-se de ter como clientes 13 das 15 maiores empresas de semi-condutores do Mundo, entre 250, a nível global, todos fora de Portugal.

Paralelamente, a Chipidea “tem sido capaz de reter os seus clientes”, algo que, para Epifânio da Franca, “é mais difícil do que conseguir novos clientes”, assumindo, por isso, grande relevância.

“Temos um *track record* de retenção de clientes muito forte – cerca de 70 a 75 por cento do nosso volume de negócio baseia-se naquilo que designamos de *repeat business*, ou seja, repetimos, regularmente, negócios com os mesmos clientes. Isso é muito importante”.

#### HISTÓRIA DE UM CASAMENTO

O futuro da empresa passa agora por novos desafios.

A Chipidea concretizou, recentemente, uma operação que envolveu, do ponto de vista financeiro, a aquisição de 100% do capital da empresa, correspondendo, do ponto de vista operacional, a uma fusão, uma vez que a Chipidea dá lugar a um novo grupo de negócios que não existia na empresa que financeiramente adquiriu o seu capital social.

Para Epifânio da Franca a operação representa “uma grande oportunidade para a Chipidea”. À partida porque “passamos a fazer parte de uma empresa maior”. Em segundo lugar porque a fusão permite à Chipidea, que é uma empresa do universo analógico, associar a sua à tec-



nologia digital, no que aos semi-condutores diz respeito. “Isso vai permitir-nos fazer coisas que sozinhos nunca seríamos capazes de fazer”, assegura.

E finalmente porque “passamos a integrar uma empresa cotada na Bolsa – no Nasdaq – o que equivale a uma visibilidade no mundo financeiro que até aqui não tínhamos”.

Por outro lado, “o facto de a empresa a que nos associámos ser uma empresa muito semelhante à nossa, em termos de dimensão e volume de negócios, dá-nos uma força e uma posição no grupo muito importante”.

Conjugadas todas as razões, o presidente do conselho de administração acredita tratar-se de “uma oportunidade para a Chipidea acelerar o seu crescimento e assumir uma intervenção no mundo com impacto diferente daquele que conseguiríamos alcançar sozinhos”.

Pragmático, Epifânio da Franca assume que “a empresa podia continuar a desenvolver-se, se esta fusão não tivesse existido”.

Da mesma forma que “não há nada que afecte a nossa existência se decidirmos manter-nos solteiros a vida toda, no entanto, pelas mais diversas razões, a maior parte das pessoas decide casar. Penso que com a Chipidea aconteceu precisamente isso. Eu não via nada que pudesse afectar a existência da Chipidea se a empresa tivesse decidido manter-se solteira. Contudo, entendeu casar-se, passando a fazer parte de uma família maior, mas mantendo muito forte a identidade da sua própria família, na convicção de que aquilo que se podia atingir fazendo parte de uma família maior do que a nossa hoje superaria a decisão de nos mantermos solteiros”.

Nesse caso, façamos, então, um brinde aos noivos... ■

*A Chipidea concretizou, recentemente, uma operação que envolveu, do ponto de vista financeiro, a aquisição de 100% do capital da empresa, correspondendo, do ponto de vista operacional, a uma fusão.*



### COOL JAZZ FEST

Mais do que um festival de música, o Cool Jazz Fest é, segundo os organizadores, uma pequena galáxia de sentimentos e sons escolhidos a dedo para as noites de Verão. No palco, vozes, instrumentos e corpos de grandes nomes da música para ouvir com todos os sentidos. O único problema é que já passou e quem perdeu oportunidade, terá que esperar pelo próximo ano para uma nova edição. Este ano Oeiras recebeu a Teresa Salgueiro, os Gotan Project e os Nouvelle Vague.

Teresa Salgueiro e o Septeto de João Cristal fizeram o arranque do festival, no passado dia 30 de Junho, no palácio do Marques de Pombal. Em 2007, ano de descanso para os Madredeus, a cantora dedica-se a outros projectos, a solo. De um deles resultou o álbum “Você e Eu”. Vinte e duas canções populares brasileiras gravadas no Rio de Janeiro, acompanhada por uma orquestra liderada por João Cristal. São essas canções que Teresa Salgueiro estreou ao vivo em Portugal, no Jardim do Marquês de Pombal. Uma fantástica noite para ouvir Vinicius de Moraes, Chico Buarque e Tom Jobim, através da voz de Teresa Salgueiro. No passado dia 2 de Julho, dançou-se o tango. O trio é internacional na formação (um parisiense, um suíço e, um, finalmente, argentino) e ainda mais nas suas referências. Sob batidas retiradas ao melhor trip-hop britânico colocam florestas de nevoeiro ambiente e ... o tango. Ou melhor, pedaços de tango, mais ou menos alterado. O resultado é um som hipnótico, melancólico, perfeitamente integrado na Alta Mistura que é a marca de água do Cool Jazz Fest. Depois, no dia 15 do mesmo mês, foi a hora de se fazer ouvir os Nouvelle Vague. A dificuldade é resistir-lhes. Nos não conseguimos. E por isso quisemos trazê-los ao Cool Jazz Fest. E não resistimos, porque são uma grande pérola musical. Um conceito simples, aliás: fazer versões, em ambiente jazz-bossa nova de navio de cruzeiro nas Caraíbas, de temas mais ou menos clássicos da pop e new wave dos anos 80. “Love will tear us apart” dos Joy Division ou “The killing moon” dos Echo & The Bunnymen, por exemplo. Os arranjos são impecáveis, as vozes femininas são langorosas.

### BICENTENÁRIO DAS INVASÕES FRANCESAS E DA CONSTRUÇÃO DAS LINHAS DE TORRES.

No decurso das Invasões Francesas (1807-1811), foi edificado um eficiente sistema de defesa da cidade de Lisboa, constituído por três linhas, encontrando-se a terceira localizada entre Paço de Arcos e Carcavelos (Junqueiro). Apesar de muito do património ter sido destruído ou modificado, ainda hoje é possível identificar parte deste sistema defensivo, nomeadamente redutos, fortins, trincheiras e outras obras de engenharia. Trata-se assim de uma memória repartida entre os concelhos de Cascais e Oeiras que motivou a evocação desta efeméride pelas câmaras municipais de Cascais e Oeiras, no ano em que se assinalam os 200 anos da primeira Invasão. Assim, no presente ano, as Jornadas europeias do Património foram consagradas a este tema, através de um programa constituído por um ciclo de conferências, visitas guiadas, jogo de pista e uma sessão de história ao vivo, pretendendo-se analisar e recuperar memórias relativas a este acontecimento definitivamente marcante para Portugal, onde o território e as gentes do concelho de Oeiras e de cascais também detiveram um papel importante.



### MARGINAL SEM CARROS

A Câmara Municipal de Oeiras, no passado dia 16 de Setembro, fechou, mais uma vez, a Avenida Marginal ao trânsito automóvel nos dois sentidos, entre as 10h00 e as 13h00. Esta iniciativa realizou-se no âmbito da Semana Europeia da Mobilidade e pretendeu assinalar o Dia Europeu Sem Carros, estimulando as pessoas a utilizarem os transportes públicos ou outro transporte alternativo ao automóvel particular, mas também pretendeu promover a prática de actividade física regular como factor da melhoria da qualidade vida dos cidadãos. Neste sentido, as pessoas aderiram em massa às diversas actividades propostas, desfrutando assim de um ambiente bastante saudável, muita na animação, num espaço com uma paisagem fantástica e única.



### FESTIVAL SETE SÓIS, SETE LUAS

A Fábrica da Pólvora de Barcarena acolheu, durante os meses de Julho e Agosto, um ciclo de dez concertos de “world music” integrados no Festival Sete Sóis Sete Luas 2007, promovido por uma rede cultural de trinta cidades de oito países – Cabo Verde, Espanha, França, Grécia, Israel, Itália, Marrocos e Portugal. Nakaira (Grécia/Mediterrâneo), Olly & The Bollywood (França), Musica Nostra (Baleares), Dounia (Itália), Parto delle Nuvolesanti (Mediterrâneo), Lautari (Sicília), Lombarda (Andaluzia), Kumenei (Salento), Café Amam (Turquia/Grécia) e Rogelio Botanz & Puntos Suspensivos (Canárias) foram as bandas participantes. Recorde-se que o Festival Sete Sóis Sete Luas realiza projectos de música popular, de teatro de rua e de artes plásticas, com a participação de figuras da cultura europeia e mediterrânea.



### TRAVESSIA ANTÓNIO BESSONE BASTO

Daniela Inácio (Belenenses) e Arseniy Lavrentyev (Algés) foram os vencedores da II Traversia Bessone Basto, prova realizada no passado dia 16 de Setembro entre a praia de Algés e o porto de recreio de Oeiras, com a distância de oito quilómetros. A prova de três quilómetros, entre a praia velha de Paço de Arcos e o porto de recreio de Oeiras, foi ganha por Ana Catarina Boavista (Litoral Alentejano) e Hugo Ribeiro (Vilacondense). No percurso de oito quilómetros, Arseniy Lavrentyev e Daniel Viegas (Amadora) assumiram o comando desde o início, com o ucraniano a distanciar-se a partir dos dois quilómetros. Com 101 atletas inscritos, a prova caracterizou-se ainda por um considerável aparato de segurança, com a colaboração das corporações de bombeiros da zona, da empresa municipal Oeiras Viva e das colectividades com actividade náutica em Oeiras. Além da segurança, a prova foi ainda elogiada pela sua dureza, pela qualidade dos prémios e pelo próprio envolvimento da autarquia, que reconhece largamente o potencial da prova, nomeadamente para promoção da orla ribeirinha de Oeiras e da sua requalificação.





## A ARTE DE BEM COMER

*À estação de comboios de Paço de Arcos impõe-se um espaço de degustação para por os sentidos à prova. O restaurante Arvoredo renasceu há cerca de cinco anos. Um outro Arvoredo já ali existiu, mas completamente diferente. Este apresenta-se com um estilo minimalista, bem ao gosto dos proprietários, Artur e Pedro, que preferem a simplicidade. Minimalista, sem dúvida mas com muito conforto.*

texto de Ana Henriques  
fotos de Carlos Santos

Neste espaço amplo sobressai toda a sua alma, uma alma dada pela história das paredes retratadas pelo olhar de António Passaporte. Apontamentos de cor no tecto e nas paredes, em tom de verde transmitem vitalidade.

No exterior, uma esplanada é nos dias quentes uma alternativa a uma boa refeição num espaço agradável.

A par de refeições originais, aconselha-se para “entradas morcela serrana com abacaxi, mexilhões com espinafres ou casca de batata frita com maionese de alho.”

De seis em seis meses a carta é mudada, existe uma carta de Inverno e uma de Verão.

E porque os olhos também comem, à apresentação dos pratos é dada especial atenção “temos muito cuidado com a elaboração dos

pratos não lhe podemos chamar *nouvelle cuisine*, mas por mais simples que seja vêm sempre com um toque.”

Quando o apetite não tem limites, difícil é resistir a experimentar iguarias tão originais como “vazia recheada com queijo de cabra, raia com amêndoa, polvo à lagareiro ou o pato com espargos verdes.”

Quanto às sobremesas, talvez os maiores pecados da mesa, a aposta recai nos doces conventuais e em especial num folhado com doce de ovos exclusividade da casa.

Para os dias mais quentes sugerem-se os gelados caseiros de chocolate com avelã, de manga ou de peppermint.

Se é apreciador de um bom vinho, saiba que no Arvoredo há provas de vinhos, com jantar a acompanhar, justificando a escolha do prato em função do que se vai beber.



Artur, um dos proprietários, revela que “parámos um bocadinho durante este ano, as provas de vinhos são eventos que nos obrigam a estar presentes e a estar muito atentos a tudo. Queremos recomeçar no início de 2008. Qualquer pessoa pode vir mediante reserva, os vinhos são propostos pelo produtor, nós discutimos aquilo que achamos que fica melhor com determinados pratos que temos na carta. Segue-se normalmente um pequeno debate. São sem dúvida, momentos muito agradáveis.”

Quanto ao balanço deste projecto, Artur confessa estar a passar uma crise que é generalizada. “Sentimos uma profunda quebra de 2005 para 2006, e idêntica de 2006 para 2007. Essa quebra não resultou de alguma coisa que se tenha passado aqui, disso temos o feedback dos clientes. É resultado da situação económica que vivemos e a restauração é das primeiras coisas que as pessoas evitam.”

Não tem dúvidas que é uma fase passageira e com confiança e optimismo que afirma “para o ano, sinceramente acho que as coisas vão melhorar, depende um bocadinho das nossas cabeças e é muito importante termos pensamentos positivos.”

#### Restaurante Arvoredo

Rua Carlos Bonvalot, 4 - Paço de Arcos

Horário de Funcionamento

De 2ª a 6ª das 12h30 às 15h00 e das 20h00 às 24h00

Encerra ao domingo todo o dia e ao sábado ao almoço

Telefone: 214 421 158

E-mail: arvoredoestaurante@sapo.pt



## João de Freitas Branco

(1922-1989)

texto de Carla Rocha

fotos gentilmente cedida pela família Freitas Branco

João de Freitas Branco nasceu no dia 10 de Janeiro, em Lisboa, mais precisamente no edifício do Conservatório Nacional. Este facto singelo mais pareceu um bom augúrio para uma vida dedicada à música.

Filho do compositor e musicólogo Luís de Freitas Branco, João licenciou-se em Matemática. Mas o estudo dos números não lhe ocupa todo o espaço de vida, conseguindo-o alternar com o estudo da música. Em 1938 começa a ajudar o seu pai enquanto crítico musical do jornal “O Século”, cargo em que mais tarde lhe sucede. Entretanto, vai conciliando a música com a vida académica. Durante o seu curso de Matemática, e o do Conservatório Nacional, vários são os recitais em que participa. Em 1943 conclui o curso do Conservatório Nacional e um ano mais tarde, a convite de Pedro do Prado, começa a desempenhar funções de assistente de programas musicais na Emissora Nacional. Nesse mesmo ano, em que também conclui a Licenciatura em Ciências Matemáticas, ingressa no grupo de investigação matemática dirigido por Rui Luís Gomes. Ainda nesse ano, é contratado pelo Colégio Manuel Bernardes para dar aulas de Matemática. Mas esta sua função só é levada a cabo durante um ano, tempo suficiente para ter sido considerado pelos alunos, um dos melhores docentes do colégio. Em 1948, integra o grupo de fundadores da Juventude Musical Portuguesa, ocupando o cargo de presidente. Por insuficiência das remunerações das suas actividades ligadas ao mundo musical, muitas delas inteiramente gratuitas, vê-se obrigado a desempenhar, a partir de

18 de Outubro desse mesmo ano, o cargo de secretário-geral adjunto no Automóvel Club de Portugal (ACP), lugar que ocupará durante 22 anos em regime de *part-time* podendo, desta forma, dedicar-se à sua paixão que é a música. É, principalmente por sua influência, que se realiza, de 26 a 29 de Março de 1951, pela primeira vez, em Lisboa, o congresso internacional de música, nomeadamente “O 6º Congresso da Federação Internacional das Juventudes Musicais”. Em 1956 cria o programa radiofónico “O Gosto pela Música” na Emissora Nacional, programa marcante e que constituiu um record mundial por ter durado 29 anos sem uma única interrupção. A sua paixão pelo meio rural, leva-o a mudar-se para Caxias que, em 1957, era campo. E foi em Caxias que produziu algumas das suas obras fundamentais, tais como “A História da Música Portuguesa”. É também aqui que acaba por escrever a obra mais importante sobre o compositor e pianista José Viana da Mota. Torna-se um dos primeiros colaboradores da então recém-criada Rádio Televisão Portuguesa (RTP), na qualidade de apresentador e autor de programas musicais.

Publica diversas obras de âmbito musical. Faz prefácios. Escreve inúmeros artigos. Na década de sessenta criou, na sua casa de Caxias, uma importante tertúlia intelectual, passado por lá grandes expoentes da cultura nacional. Em 1967 rege um curso de História da Música na Exposição Mundial (Canadá) e, também, na Fundação Calouste Gulbenkian. Um ano mais tarde recebe o Prémio da Imprensa para o melhor apresentador de tele-

visão. Entre os anos de 1970 e 1974 foi director do Teatro de São Carlos. Este cargo leva-o a contactar com diversas personalidades mundialmente conhecidas, tais como: Maria Callas, Dietrich Fischer-Dieskau, Carlo Bergonzi, Hemann Prey, entre outros. Em 1978 recebe o título de Doutor Honoris Causa em Filosofia pela Universidade Humboldt de Berlim. Foi Secretário de Estado da Cultura entre 1974 e 1975.

Em Caxias era conhecido, não só pelos programas que fazia, mas pelo lado afectuoso e simpático, falando com todos por quem passava nos longos passeios que realizava a pé. Em 1984 é submetido a uma delicada intervenção cirúrgica realizada no Hospital de Santa Cruz pelo seu melhor amigo de sempre, o cirurgião Manuel Eugénio de Machado Macedo. Um ano mais tarde regressa ao Teatro Nacional de São Carlos na qualidade de Administrador-Director Artístico e da Produção. Em 1986 realiza a última emissão do programa radiofónico “O Gosto pela Música”. E um ano mais tarde é-lhe atribuída a Medalha de Mérito da Secretaria de Estado da Cultura. A 18 de Julho de 1989, é operado na sequência da detecção de um tumor renal. A 17 de Novembro desse mesmo ano morre na sua casa de Caxias, deixando vincado na memória de muitos espectadores um homem de rosto sério, melena a cair-lhe sobre a testa, voz bem timbrada e um comunicador nato. Como referiu Jorge Calado do Instituto Superior Técnico: «João de Freitas Branco foi, sem dúvida, o grande educador musical dos portugueses».



**oeiras**  
Marca o ritmo

